



Freud

Rousas John Rushdoony



FREUD

FREUD

ROUSAS JOHN RUSHDOONY

EDITORA MONERGISMO

BRASÍLIA, DF

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
EDITORA MONERGISMO
Caixa Postal 2416
Brasília, DF, Brasil - CEP 70.842-970
Telefone: (61) 8116-7481 - Sítio: www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2010
1000 exemplares
Tradução: Marcos J. S. Vasconcelos
Revisão: Felipe Sabino de Araújo Neto
Capa: Raniere Maciel Menezes

■
PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA),
salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

<p>Rushdoony, R. J. Freud / R. J. Rushdoony, tradução Marcos J. S. Vasconcelos – Brasília, DF: Editora Monergismo, 2010.</p> <p>100p.; 21cm.</p> <p>Título original: <i>Freud</i></p> <p>ISBN 978-85-62478-41-3</p> <p>1. Bíblia 2. Teologia 3. Psicologia</p> <p style="text-align: right;">CDD 230</p>
--

PRÓLOGO

“Freud não morreu”, anunciava a capa da revista *Newsweek*, “O divã foi deixado de lado, mas a cultura da terapia está por toda a parte...”.¹ O léxico do nosso vocabulário moderno guarda lembranças duradouras da sua influência, ainda em vigor: ansiedade, mecanismo de defesa, negação, repressão, subconsciente, deslocamento, projeção, rejeição e transferência, só para citar alguns. Sentimos a necessidade de psicanalisar os outros, mesmo sem querermos nos submeter ao processo. Antes, os romances policiais concentravam-se no esforço intelectual para solucionar o enigma das pistas. Agora, os filmes de suspense e policiais da tevê não podem deixar de retratar promotores públicos e detetives analisando os suspeitos e os capturando porque, como observadores profissionais treinados, eles entendem o criminoso melhor do que a si mesmos. A História trocou os registros dos feitos de homens importantes pela psicologia deles. A biografia, agora, é menos a história do impacto e da vida de alguém e mais seus esforços para se livrar dos fantasmas do seu passado. Não achamos que conhecemos alguém, se não o analisarmos e imaginarmos que sabemos qual é a fonte de suas forças e fraquezas. A psicologia de Freud é grandemente uma parte do nosso mundo. Ele ainda está mesmo conosco.

É apropriado que esta obra de meu pai seja republicada agora, no sesquicentenário do nascimento de Sigmund Freud. Faz tempo que ele, além de Karl Marx e Charles Darwin, tem sido considerado um dos três pensadores mais influentes desde o Iluminismo. Os autores da reportagem de capa da *Newsweek* chamaram-no perceptivamente de “nosso Santo Agostinho secular”.² Freud ficaria satisfeito com essa síntese do seu impacto, porque o propósito da obra da sua vida era transferir a doutrina da predestinação agostiniana de Deus para a ascensão evolutiva do homem.

A obra que se segue é uma crítica cristã sobre a importância de Freud para o pensamento e a cultura modernos. O seu trabalho apresentou o elo perdido que tornou possível a hegemonia da ciência sobre o homem moderno. A obra de Freud foi um ataque ao alicerce do evangelho cristão, o qual preceitua que a culpa é um fato moral resultante do pecado do homem.

Ao contrário da maioria dos naturalistas que se seguiram a Darwin, que acreditavam que a culpa era uma imposição cultural sobre o homem, Freud cria que a culpa era, de fato, uma parte genuína da condição humana. Ele forçou os naturalistas a assaltarem e reclamarem a posse de um território que até então fora ocupado exclusivamente pela religião. Seu propósito era explicar a culpa nos termos do naturalismo darwiniano. A grande contribuição de Freud foi a transferência da culpa da área da moral, e portanto religiosa, para a alçada da ciência. A culpa procedia da ancestralidade primitiva do homem, dizia-se. Freud formulou um construto histórico complexo para explicar os mais primitivos impulsos pré-históricos do homem, que giravam ao redor do canibalismo, da homossexualidade, do incesto e do parricídio. Esses impulsos antigos estavam implantados na mente do homem para sempre e ao tentar reprimir seus impactos, o homem foi tomado por conflitos e os efeitos

¹ *Newsweek*, 27/3/2006.

² Jerry Adler e Anne Underwood, “Freud in Our Midst”, *Newsweek*, 27/3/2006, 46.

subscientes dessa luta passaram a integrar inevitavelmente o ser humano. Essas memórias reprimidas estavam ocultas ao indivíduo e só se manifestavam ocasionalmente na forma de sonhos, “lapsos freudianos” e desordens mentais, emocionais ou comportamentais.

Freud enfrentou a culpa como cientista a fim de remover dela as suas conotações morais e religiosas. Ele impulsionou conscientemente a ciência do naturalismo e suas alegações. Depois de Freud, a culpa como fato moral foi substituída pela culpa como fato científico. Com a finalidade de destruir o poder da religião sobre o homem naturalista, Freud substituiu, como observa o autor, Deus pelo “mito biológico” de Darwin; e, a Queda de Adão, pelo seu próprio “mito antropológico”.

A obra de Freud não foi menos do que um ataque a toda religião organizada, à qual desprezava. O autor chama a atenção para o fato de que Freud, como judeu, estava particularmente em guerra contra Moisés, contra a ideia da lei divina e da culpa que ela representava. Diga-se em seu favor, que Freud não pretendia dar solução à culpa, mas somente uma explicação científica com a ajuda de um psicanalista profissional.

O autor mostra, então, que a maneira como Freud trata da culpa não almejava a sua solução, mas a sua “aceitação estoica” como uma “predestinação biológica”. Assim, Freud afirma que a esperança do homem não estava na absolvição religiosa, mas na explicação científica. Ao remover o pecado, ele neutraliza a necessidade da expiação e de Jesus Cristo (e os ramos do cristianismo que seguiram a ciência naturalista também logo trocaram seu Messias expiador pela caricatura de um Cristo mais humanista). Lamentavelmente, entretanto, o conceito de Freud sobre a condição humana ainda deixa o homem evolucionário com uma culpa permanente. Ao que parece, suas teorias removem o estigma do pecado, mas ele não teve a intenção de poder remover a realidade da culpa. Ao homem culpado, tudo o que Freud pôde oferecer foi uma explicação científica consistente com Darwin. Ser saudável, insistiria ele, consiste em entender e aceitar a si mesmo. Isto é o mais próximo que o humanista moderno pode chegar da salvação: o abraçamento daquilo que o cristianismo chama de homem natural. Como um verdadeiro personagem pós-iluminista, tudo o que ele poderia fazer de fato era oferecer uma lógica científica racional numa fé humanista mais consistente. Os específicos das teorias de Freud agora quase não recebem mais nenhum interesse acadêmico. O homem humanista ainda adota como seu pressuposto fundamental o repúdio de Freud à visão cristã do pecado e da culpa em favor da sua explicação e aceitação antropológica. Os críticos de Freud são uma legião, assim como os de Marx e Darwin. Mas a força da obra deles está na aplicação consistente do pensamento humanista. Rejeitar as pressuposições de qualquer um deles é ir contra a tendência secular do pensamento desde o Iluminismo. O homem moderno talvez não se autodenomine de marxista, mas tem aceitado os pressupostos do socialismo e vive segundo seus termos. Logo no princípio, descobriu-se que a metodologia de Darwin era inadequada para explicar a evolução. Entretanto, sem demora foi ela revisada, porque o homem moderno crê no naturalismo como a premissa da sua vida, pensamento e ciência. Semelhantemente, Freud é muito ridicularizado e a Psicologia fragmentou-se em muitas versões diferentes de Freud, mas o núcleo da sua tese, a origem naturalista da culpa, é fundamental à evasão do problema moral do homem moderno.

Criticar o núcleo da tese de Freud baseando-se na fé sobrenatural é provocar uma reação viciosa. Os não naturalistas são mal recebidos no tribunal intelectual da

ciência moderna. Os críticos são imediatamente repudiados como fanáticos religiosos, supressores de questões sérias. Depois de Freud, não somente o corpo do homem, mas também a sua psique tem pertencido à ciência naturalista. A religião é agora advertida para recolher-se ao seu lugar de natureza estritamente pessoal.

A resposta ao naturalismo de Darwin e Freud ainda é sobrenatural; o evangelho de Jesus Cristo ainda é a única esperança do homem. Mais do que nunca, o homem precisa ter seu pecado e culpa confrontados como seu fracasso moral perante Deus. A compreensão do erro de Sigmund Freud nos revelará inapelavelmente aquilo de que sua obra procurou se evadir, a responsabilidade do homem diante de Deus e a obra expiadora do Mediador divinal. A partir desse ponto, podemos estabelecer um trato realmente cristão da Psicologia, uma abordagem da qual Freud e os humanistas tentam escapar há muito.

Mark R. Rushdoony

Maio de 2006

PREFÁCIO

Muitas facetas do pensamento moderno remontam a Sigmund Freud (1856–1939): racionalismo, cientificismo, romanticismo, primitivismo e darwinismo, entre outras. Subjacente e fundamental para todos esses movimentos, como também para Freud, está o Iluminismo e somos informados que “no fundo, Freud pertence à Era do Iluminismo”.¹ Freud, com Darwin e Marx, tem sido citado como um dos grandes homens do Iluminismo; de fato, vê-se nos três a culminância do pensamento iluminista. Mas os três, apesar de empurrarem a fé iluminista às conclusões lógicas dela mesmo, foram também os destruidores dessa mesma fé e esperança e, no futuro, talvez sejam mais bem lembrados como os seus coveiros.

¹ Abraham Kaplan, “Freud and Modern Philosophy”, em Benjamin Nelson (org.): *Freud and the 20th Century* (Nova Iorque: Meridian Books, 1957), 226.

INTRODUÇÃO

Embora Freud “pertencesse majoritariamente ao espírito do Iluminismo”, seu sistema rompeu relações com a confiança do Iluminismo no homem e na natureza.¹ O Iluminismo havia suplantado a fé em Deus e na sua Palavra escrita, substituindo-as pela fé no homem e na natureza. Os ataques ao homem e à natureza por parte dos teólogos cristãos ortodoxos haviam sido consistentemente rejeitados, como irrelevantes e obscurantistas, pelos “filhos da luz”. Agora, de dentro das próprias fileiras partiu um ataque incisivo contra o homem e a natureza o qual se propagou rapidamente contagiando infecciosamente as hostes humanistas. Não demoraram a surgir ataques de outros setores do mesmo exército. Para os marxistas, o pensamento de Freud reduzia-se a “idealista”.² Os fundamentos para a Psicologia e a Psiquiatria científicas e materialistas foram estabelecidos por Ivan P. Pavlov em termos de fatos experimentalmente estabelecidos e leis científicas, em contraste com os quais Freud só poderia ser chamado de “pseudocientista”.³

Sigmund Freud, judeu austríaco, estudou medicina em Viena, trabalhou extensivamente em Psicologia, especializou-se depois em Neurologia, passando, então, à Psicopatologia. O especialista Freud, associava-se a pouquíssimas pessoas, dava poucas palestras públicas e seus contatos limitavam-se a um pequeno círculo de seguidores. Era alguém sempre reservado, gentil e antiquado. Mas era capaz de escrever, como o fez ao Dr. Wilhelm Fliess: “Mal posso lhe dizer quantas coisas eu – um novo Midas – transformei em imundície. O que está em completa harmonia com teoria do fedor interior”.⁴ A despeito de um cinismo filosófico com relação ao homem, Freud era conhecido entre seus associados como alguém sem muita capacidade de avaliar as pessoas e dado a “julgamento pessoais em preto e branco”.⁵

A leitura da biografia e das obras de Freud deixa sobejamente claro que, em muitos aspectos, ele era um pré-freudiano, muitas vezes extraordinariamente ingênuo. Mas, num certo sentido, ele se conhecia muito bem; tinha consciência do impacto do seu pensamento e do alcance da sua influência. Fato que ele declarava sem muita falsa modéstia. “No curso do tempo, a humanidade teve de suportar da mão da ciência dois grandes ultrajes contra o seu ingênuo amor-próprio”. O primeiro veio com Copérnico, “quando ele compreendeu que a nossa Terra não era o centro do universo, mas somente uma partícula minúscula num sistema universal de magnitude quase inconcebível”. O segundo veio com Darwin, “quando a pesquisa biológica roubou do homem o privilégio peculiar de ter sido criado especialmente e o relegou à descendência do mundo animal, impondo-lhe uma natureza animal inextirpável”. (Destaque-se que Freud viu essa “natureza animal” como “inextirpável”). Agora, “O terceiro e mais amargo golpe de todos” vem “da pesquisa psicológica dos dias atuais, empenhada em provar ao ‘ego’ de cada um de nós que ele não é mestre nem na própria casa, mas que deve se contentar com as variegadas migalhas de informação sobre o que está ocorrendo

¹ Abraham Kaplan, “Freud and Modern Philosophy”, em Benjamin Nelson (org.): *Freud and the 20th Century* (Nova Iorque: Meridian Books, 1957), 226.

² G. I. Kositsky, “The Subconscious, Dreams and Intuition: A Materialist View”, em *The Soviet Review*, vol. 2, nº 4, April, 1961, 61.

³ Harry K. Wells, *Sigmund Freud, A Pavlovian Critique*, 233.

⁴ *Ibid.*, 194.

⁵ Ernest Jones, *The Life and Work of Sigmund Freud*, vol. II (Nova Iorque: Basic Books, 1955), 412. Thorne Shipley, *Classics in Psychology* (Nova Iorque: Philosophical Library, 1961), 684.

inconscientemente na sua cabeça”. Essa, mais especificamente, era a tarefa da psicanálise e, como sugere Freud, da sua própria vida.⁶

Embora não advogasse a causa do homem e da natureza, Freud defendia a fé iluminista na “Ciência”, à qual abraçou na sua necessidade adolescente de “crer em alguma coisa”. Essa “crença no conhecimento científico como um fim”⁷ é um tanto exagerada por Ernest Jones, em razão de Freud enxergar a Ciência, nem sempre no sentido puramente messiânico, pois duvidava de qualquer possibilidade de salvação para o homem, mas em um sentido estoico, pelo qual a Ciência poderia ajudar o homem a entender e a aceitar o próprio destino. Ele, particularmente, não se achava à altura de “governar, curar e educar”.⁸ *Compreender* era a sua missão e mensagem.

⁶ Sigmund Freud, *A General Introduction to Psychoanalysis* (Nova Iorque: Garden City Publishing Co., 1938), 252. Jones, *Life and Works*, II, 226.

⁷ Jones, *Life and Works*, I, 34, 40.

⁸ *Ibid.*, 53.

O HOMEM

Em vista desse fato, não surpreende que Freud fosse de natureza essencialmente passiva, conforme observou Jones. Aquele que se apega à predestinação biológica não terá uma perspectiva ativista. Freud era claramente um estoico. “Uma das suas expressões favoritas era ‘é inútil brigar com o destino’”. Ele não assumiu nenhum crédito pela “transformação” ocorrida em Sandor Ferenczi, ao escrever-lhe em 1933: “uma espécie de destino psicológico produziu-a em você”.¹ Desagradava-lhe, nas viagens que adorava fazer a Roma, ver sinais da “mentira da salvação”: Roma Cristã.² Pela mesma razão, seu desprazer por panaceias e pela salvação, ele era um eleitor indiferente, e, apesar de liberal com inclinações socialistas, era indiferente às tentativas políticas para se alcançar uma sociedade ideal.

Como já dissemos, Freud foi doutrinado desde a juventude pela filosofia iluminista numa fé messiânica na ciência e, nos anos iniciais como cientista, anelava ficar famoso com a descoberta de uma panaceia científica. Sua pesquisa inicial e o entusiasmo com as potencialidades médicas e psicológicas da cocaína logo custaram-lhe a reputação. Além disso, seu subsequente entusiasmo pelas ideias de Jean Martin Charcot sobre histeria e hipnose não lhe aumentaram a estatura. Em razão desses episódios e dos tropeços de Freud com a cocaína, e fácil acusá-lo de incompetência científica e até mesmo de charlatanismo, mas é uma imputação manifestamente injusta. A paixão de Freud era a ciência. Em vários trechos, Ernest Jones dá a impressão de que Freud era homem de rigidíssima moralidade sexual. Escrevendo a James J. Putnam em 8 de julho de 1915, Freud mesmo não reivindica isso: “A moralidade sexual, como definida pela sociedade, cuja forma mais extrema é a da América, é desprezível demais para mim. Sou a favor de uma vida sexual infinitamente mais livre, embora eu mesmo tenha-me valido pouquíssimo de tal liberdade. Só até onde me considero autorizado a isso”.³ É um tanto absurdo que Jones nos peça para que enxerguemos Freud da maneira como ficou impressionado por ele, “como alguém invulgarmente casto” e “puritano”.⁴ Por outro lado, se diferencarmos entre amor e sexo, Jones estava certíssimo ao afirmar que “a esposa era com certeza a única mulher da vida amorosa de Freud, e vinha sempre em primeiro lugar antes de todos os outros mortais”.⁵ Antes de se casar, Freud escreveu sobre a sua paixão pela ciência para Martha Bernays, em 17 de maio de 1885, declarando: “No momento sou tentado pelo desejo de resolver o enigma da estrutura do cérebro; acho que a anatomia cerebral é a única rival legítima que você tem ou sempre terá”.⁶ Mas o sexo era demasiadamente importante para Freud, pois representava a essência e a energia do homem, de modo que, combinar o poder libertador da ciência com o sexo, era para ele a consumação que se devia desejar com a máxima devoção. Mesmo depois de não terem dado em nada, segundo as conclusões do próprio Freud, suas esperanças messiânicas podiam inflamar-se de súbito em contradição evidente com essas conclusões. Portanto, crendo convictamente nos efeitos danosos de todos os métodos contraceptivos então conhecidos, ficamos sabendo por Jones que “ele sonhava

¹ Jones, I, 53; III, 145, 177.

² Jones, op. cit. II, 18.

³ Ernst L. Freud, org., *Letters of Sigmund Freud* (Nova Iorque: Basic Books, 1960), 308.

⁴ Jones, op. cit. I, 271.

⁵ Jones, op. cit. II, 386.

⁶ Letters, 145.

com um contraceptivo satisfatório que libertasse o deleite sexual de todas as complicações”. Quando Fliess começou a desenvolver a lei periódica com a garantia de dias seguros no ciclo menstrual, Freud, em carta de 10 de julho de 1893, “pôs suas esperanças na solução que Fliess deu ao problema como quem as põe no Messias”. Dois anos mais tarde, ao parecer que o sucesso estava perto, Freud escreveu em 25 de maio de 1895: “Eu teria gritado de alegria com a sua notícia. Se você tivesse resolvido de fato o problema da concepção, eu lhe perguntaria que mármore mais lhe agradaria”.⁷ Portanto, as esperanças messiânicas de Freud eram sempre reais e quase na superfície. A sua negativa oficial acerca delas, eram, portanto, governadas não pelo coração, mas por conclusões contumazes.

Freud acreditava que a sua busca era, em grande medida, governada por sua natureza, sua consciência judaica. Em 23 de julho de 1882, Freud escreveu a Martha dizendo que era “impelido profundamente” por um “velho judeu” o qual afirmava que “O judeu (...) é a mais fina flor da humanidade, feito para o prazer. Os judeus desprezam todos os incapazes de se alegrarem. A lei ordena ao judeu que valorize cada prazer, por menor que seja, que renda graças por cada fruto que o desperte para a beleza do mundo em que medrou. O judeu é feito para o gozo e o gozo para o judeu”.⁸ Para Freud, ser judeu significava ser um buscador do prazer no seu sentido mais maduro e mais pleno, o que significava em parte ser um Colombo, um descobridor, alguém que ampliava as fronteiras do mundo e as potencialidades da vida. As perspectivas de casamento tentaram-no por pouco tempo (4 de setembro de 1883) a “renunciar minha ambição” e ele decidiu “arriscar-se a viver mais como os gentios: modestamente, aprendendo e praticando as coisas usuais sem se empenhar em descobertas e sem se aprofundar demais”.⁹ Claro está que as rudes conclusões de Freud não foram fáceis para ele, pois todas eram, em primeiro lugar, amargas conclusões pessoais. Muito antes dele, Catulo escreveu:

Odeio e amo.
E se me perguntares por quê,
Não tenho resposta, mas posso perceber,
posso sentir, meus sentidos enraizados na tortura eterna.¹⁰

Freud concordava que essa “tortura eterna” era real demais; ele perguntou pelo “porquê” disso, e respondeu a pergunta, todavia a sua resposta não foi a cura, mas somente uma compreensão estoica.

Freud não chegou alegremente às suas conclusões. Elas nasceram das suas experiências íntimas, e ele aceitou sua validade com estoicismo. Além disso, na base de todo estoicismo há uma certa reserva, de maneira que, embora Freud se apegasse com firmeza ao seu sistema de pensamento, mais que qualquer de seus seguidores, a sua reserva e distanciamento, sempre evidentes, protegeram-no da loucura de muitos deles e fizeram dele, em muitos aspectos, um pré-freudiano. Vimos o amor romântico irromper ante a perspectiva da descoberta de Fliess. O jovem Freud foi a encarnação do amante romântico. Suas cartas para Martha Bernays estão cheias de amor romântico simples, escritas “Com cem mil beijos, que devem ser prontamente pagos”. Ele a via como

⁷ Jones, op. cit., I, 300.

⁸ Letters, 21.

⁹ Ibid., 54.

¹⁰ Horace Gregory, trad., *The Poems of Catullus*, poema 85. (Nova Iorque: Grove Press, 1956), 151.

“inocente” e necessitava ser protegida das duras realidades. Conquanto insistisse para que ela acabasse de ler *Don Quixote*, ele admitia que o livro tinha “qualidades indecorosas”. Ele ansiava para receber o retrato dela, para colocá-lo “entre meus deuses domésticos”.¹¹ Perto dos 30 anos, Freud escreveu para Martha descrevendo suas reações à turba na ópera Carmem:

A turba dá vazão aos seus apetites, e nós privamos a nós mesmos. Privamos a nós mesmos a fim de manter a nossa integridade, economizar nossa saúde, nossa capacidade de prazer, nossas emoções: guardamo-nos para algo que ainda não sabemos o que é. E esse hábito de supressão permanente dos instintos naturais dá-nos a qualidade de refinamento.¹²

Ele escreveu em tom romântico: “Estou preparado o bastante para ser completamente governado pela minha princesa. Para deixar-me dominar de bom grado por aquela a quem amo”.¹³ Por outro lado, mesmo em meio a todo o seu romantismo, o implacável realismo de Freud reivindicaria seus direitos. Ele escreveria: “Não se esqueça que a ‘beleza’ dura poucos anos e que deveremos passar uma longa vida juntos. Acabando-se a suavidade e a frescura da juventude, restará beleza unicamente naquilo em que a bondade e a compreensão transfiguram as aparências, exatamente onde você se sobressai”.¹⁴ Freud, em geral, era um amante romântico. Preocupado com Martha, escreveu: “Perdi imediatamente o senso de valores, e às vezes sobrevém-me um medo terrível de que você adoça. Estou tão perturbado que não consigo escrever mais”. Quando ela provou que estava bem, ele escreveu: “Então, estava redondamente errado em imaginar que você estivesse doente. Eu estava demasiadamente louco. Fica-se muito louco quando se está apaixonado”.¹⁵

Freud sofria de “problemas intestinais”, aos quais se referia recatadamente como o seu “Conrado”. Era muito supersticioso, agarrando-se durante certo tempo a uma periodicidade numérica que poderia levá-lo à morte prematura. Detestava o envelhecimento e tudo quanto o lembrasse disso. Sofria de enxaquecas, de incômodos psicossomáticos e de desmaios, chegando a desmaiar duas vezes nas discussões com Carl Gustav Jung, e era por demais inclinado a provocar problemas e a criar crises no seu círculo de seguidores.¹⁶ Nos anos finais da vida, Freud, mal-humorado e cáustico, culpava a sua absorção com Martha antes do casamento pelo fato de “não ser famoso naqueles primeiros dias”. Ao ausentar-se para visitá-la deu a outra pessoa a ocasião para realizar certos “experimentos decisivos” com a cocaína e se torna-se o “descobridor” do seu uso na anestesia local, “mas não guardo nenhum rancor à minha noiva pela interrupção do meu trabalho”.¹⁷ Nas suas bodas de ouro, ele comentou sobre Martha com Marie Bonaparte: “Não foi uma solução tão ruim para o problema do casamento, além disso ela ainda é terna, saudável e ativa”.¹⁸ Quando lhe pediram em 1907 que escrevesse acerca do esclarecimento sexual das crianças, ele falou da sua urgente

¹¹ Letters, 155, 84, 182, 8, 55.

¹² Ibid., 50

¹³ Ibid., 51.

¹⁴ Jones, op. cit., I, 102.

¹⁵ Ibid., I, 132.

¹⁶ Ibid., I, 128, 133ss., 271 seu pudor geral; enxaquecas, 169ss., 308 f.; desmaio durante a discussão com Jung, 317, e C. G. Jung, “Jung on Freud”, *The Atlantic*, vol. 210, nº 5, Novembro, 1962, 47-58. Jones, ibid., II, desmaios, 55, 146, 386; outras enfermidades, 192, 391; pudor ref. às víceras, 83, 183, 391; superstições, 184, 196, 392; aversão ao envelhecimento, 416. Jones, ibid., III, modos como Freud encarava a morte, 89ss., 126, 140, 219, 247ss., 279ss.; criação de problemas, 65, 69ss., 132ss., cf. 134ss., 137, 294ss.; superstições, 145, 213, 382, 390.

¹⁷ Sigmund Freud, *Autobiography* (Trad.: James Strachey. Nova Iorque: Norton, 1935), 22ss.

¹⁸ Jones, op. cit., III, 209.

necessidade e das terríveis consequências que o seu trabalho lhe revelava continuamente sobre o fracasso dos pais ao instruírem os filhos.¹⁹ Entretanto, não muito antes disso, como escreveu mais tarde seu filho Martin, uma discussão em família sobre gado revelou a ignorância de todos os filhos de Freud. “‘É preciso falar dessas coisas com vocês’, papai exclamou, mas, como a maioria dos pais, ela nada tinha feito a respeito disso”²⁰.

Digna de nota é a implicância de Freud com Viena e os Estados Unidos. Viena o rejeitou, mas, “embora expressasse enorme antipatia por Viena”, Freud, na verdade, sentia profundo amor por ela e detestou ter de trocá-la finalmente por Londres.²¹ Em nenhum outro lugar teve ele mais aceitação, seguidores e veneração desabrida do que nos Estados Unidos, e assim mesmo ele optou por desprezar esse país e conceber as mais diversas e absurdas opiniões sobre ele.²²

Para alguém que fazia guerra à inocência e se agarrava à tensão e decadência radicais da vida civilizada, Freud, de modo extraordinário, estava cego mais uma vez para muitos aspectos da sua própria natureza. Da perspectiva cristã, ele era gravemente culpado de farisaísmo. Ele escreveu acerca de si mesmo:

Acredito que, quando se trata do sentido de justiça e de consideração pelos outros, do desgosto de fazê-los sofrer ou de levar vantagem em cima deles, equiparo-me às melhores pessoas que já conheci. Jamais fiz algo ruim ou malicioso, nem mesmo me senti tentado a isso, de sorte que não tenho o menor orgulho disso. Estou levando em consideração a noção de moralidade no sentido social, não sexual.²³

Como quem revelou as raízes e os elementos sadomasoquistas que há em todos os homens, essa é uma estranha alegação de inocência! Não tinha o pudor de relatar elogios nem mesmo de seus pacientes.

“O Professor conversa com Deus,” perguntou Hans ao pai a caminho de casa, “como ele pode dizer tudo aquilo de antemão?”. Eu devia estar altamente orgulhoso pelo reconhecimento saído da boca de uma criança, se eu mesmo não o tivesse provocado com a minha jactância zombeteira.²⁴

Há outro aspecto de Freud normalmente deixado de lado, mas que carece de atenção. Não há exemplo melhor, nem mais divertido, do moralismo sexual pré-freudiano do que o próprio Freud. Muitas de suas atitudes estão enraizadas na sua postura estranha e ambivalente para com o sexo, uma mistura de adoração e temor, a qual era para ele diabo e deus, ao mesmo tempo. É bem possível que numa era futura Freud seja escolhido para ser visto como o exemplo clássico de moralismo excêntrico e fantástico. Note-se, por exemplo, esta passagem, tão básica à perspectiva dele:

Provavelmente, nenhum ser humano macho, ante à visão da genitália feminina, seja poupado do choque aterrador da ameaça de castração. Não podemos explicar por que

¹⁹ Jones, op. cit., II, 38.

²⁰ Martin Freud, Sigmund Freud, Man and Father (Nova Iorque: Vanguard, 1958), 80.

²¹ 21. Ibid., 47 f.; Jones, op. cit. I, 293ss.

²² Jones, Ibid., II, 59ss., 90, 103; “Ele foi longe demais, a ponto de me dizer que a sua caligrafia havia se deteriorado desde que visitara a América”, 60.

²³ Letters, 308.

²⁴ Sigmund Freud, “Analysis of a Phobia in a Five-Year Old Boy” (1909), em *Collected Papers*, vol. III. Alix e James Strachey, trad. (Nova Iorque: Basic Books, 1959), 185.

alguns deles se tornam homossexuais em consequência dessa experiência, outros evitam-na mediante a criação de um fetiche, e a grande maioria o supera.²⁵

Para os pós-freudianos cínicos, o próprio Freud tornou-se ridículo.

Mas esse romantismo pré-freudiano evidencia-se na avaliação que os freudianos fazem do seu mestre. A biografia de três volumes escrita por Ernest Jones, na dedicação e devoção acrítica ao seu mentor, soa muitas vezes como obra de outra era. “Percebe-se que ninguém jamais lhe poderia mentir. Não somente porque seria inútil, mas qualquer intenção de fazê-lo dissolver-se-ia à sua presença”. Jones teve a capacidade de escrever isso depois de catalogar extensamente as ingênuas ilusões de Freud acerca de seus seguidores, e a sua prontidão em acreditar estranhamente nos seus favoritos. Apesar disso, Jones conclui: “E assim despedimo-nos de um homem cuja semelhança não teremos notícia de novo. De coração, agradecemos-lhe por ter vivido, por ter realizado e por ter amado”.²⁶

Muito mais eloquente, nesse contexto, é o fato de que o círculo freudiano, unido romanticamente um ao outro pelas alianças que o próprio Freud concedeu aos membros, foi afligido não somente por amarguras e disputas gravíssimas, mas também por sérias desordens mentais, emocionais e outras perturbações psicológicas. O próprio devotado Jones registrou “a fracassada integração mental da parte de Otto Rank e de Sandor Ferenczi” no círculo imediato e os escândalos associados a seguidores como H. W. Frink²⁷ – e esses só foram os aspectos mais notórios da situação. Esse fato é importante, e por mais que a piedade de Jones e de outros procurasse encobri-lo, é indispensável para a compreensão de Freud; uma compreensão empática. Freud esquivava-se da biografia e autobiografia, embora baseasse nela a sua teoria. Em todas as questões de cunho pessoal, ele apegava-se a uma reserva e dignidade clássicas. Freud, todavia, nunca negou que as fontes da sua teoria fossem autobiográficas, nem que seus seguidores tivessem a sua mesma percepção, devido ao amargo conflito interno que arrancou a máscara hipócrita de conformidade e repressão sociais. Eram veteranos de uma guerra basilar, que os tornara simultaneamente mais fracos e mais fortes. Eram mais fracos porque não poderiam viver nos termos das ilusões dos outros homens e na esperança por causa da “mentira” da salvação; eram mais fortes porque, em razão da sua batalha esgotante, receberam não a cura, que era uma impossibilidade, mas o entendimento. Assim, é possível aprofundar-se agora nas aberrações mentais e morais dos freudianos, bem mais do que quaisquer intenções nossas, o que não daria em nada senão, talvez, confirmá-los. No fim das contas, eles encararam a “realidade” acerca de si mesmos. O ponto fundamental está, então, alhures: seriam verdadeiros o diagnóstico e o prognóstico freudianos?

²⁵ Sigmund Freud, “Fetishism” (1927), em *Collected Papers*, V, 201.

²⁶ Jones, *op. cit.*, III, 248.

²⁷ *Ibid.*, III, 46, 105.

AUTOANÁLISE E CULPA

As teorias de Freud iniciaram-se na autoanálise, desenvolveram-se na autoanálise e foram confirmadas, para a satisfação dele, na psicanálise dos outros. Freud encontrou em si mesmo os sonhos e os desejos de incesto, de parricídio e de todas as outras facetas da sua história, confirmados nos seus sentimentos inconscientes acerca de seu pai, mãe e, também, irmãs¹ Essa autoanálise seguiu adiante, de sorte que em 1910 ele escreveria para Ferenczi: “parte da catexe foi removida e usada para ampliar o meu próprio ego. Obtive sucesso naquilo em que o paranoico fracassou”.²

Por que razão alguém acusaria assim a si mesmo e a todos os homens? E por que Freud, pessoa orgulhosa e reservada, já aguilhoado pelo opróbrio que se lhe imputava por ser judeu, evocaria mais fogo publicando teorias que pareciam calculadas para ofender os homens e promover ainda mais hostilidades contra os judeus? Freud era ávido por consideração e respeito, mas cada publicação sua parecia determinada a lhe negar a concretização desse anseio. Que premissas levaram-no à conclusão tão alheia aos seus caminhos tranquilos e aos seus sonhos de uma vida pura, incontrovertida e bem-sucedida na ciência? Não foi o “inconsciente”, pois a doutrina do inconsciente já era antiga quando Freud nasceu e, apesar de ser um aspecto importante da sua teoria, não era crítica para ela.³ Também não foi “sexo”, pois, nos dias de Freud, muitos estudiosos lidavam com o sexo, como Sir Richard Francis Burton (1821–1890), Henry Havelock Ellis (1859–1939), Lewis Henry Morgan (1818–1881), Paolo Mantegazza (1831–1910) e outros, sem exercerem sequer uma fração da influência que Freud tinha. O sexo tinha um papel importante na teoria de Freud, mas atribuir-lhe função central é garantia de equívoco e da impossibilidade de enfrentá-lo em pé de igualdade. Qual era, então, o interesse central de Freud e a chave para a sua teoria? Era a sua inquietação com o sentimento de *culpa*.

Jones enxergou acertadamente que a tese central do estudo de Freud, *Civilization and its Discontents* [A Civilização e os seus descontentes], era, nas palavras de Freud, a sua “intenção de apresentar o sentimento de culpa como o problema mais importante na evolução da cultura, e advertir que o preço do progresso da civilização é pago com a confiscação da felicidade pela elevação do sentimento de culpa”.⁴ Alguns pensadores religiosos viam Alfred Adler e Carl Jung como mais favoráveis à causa religiosa porque lhes falta a hostilidade de Freud contra a religião. Mas Freud exerceu impacto bem maior no pensamento religioso porque, apesar de seu cientificismo e materialismo militantes, o tema do seu pensamento era basicamente religioso. O interesse de Freud revela tanto a sua proximidade aparente da teologia cristã como a sua diferença radical dela, porque Freud desassociava culpa e pecado, e essa associação é indispensável à teologia cristã.

¹ Jones, *op. cit.*, I, 319-327. De acordo com Rollo May, Kierkegaard, Nietzsche e Freud “tinham em comum um fato significativo: todos três fundamentaram seu conhecimento principalmente na análise de um único caso, a saber, eles mesmos”, em Rollo May, Ernest Angel e Henri F. Ellenberger (orgs.): *Existence, A New Dimension in Psychiatry and Psychology* (Nova Iorque: Basic Books, 1958), 24.

² Jones, *op. cit.*, II, 83.

³ Ver Lancelot Law Whyte, *The Unconscious Before Freud*. (Nova Iorque: Basic Books, 1960).

⁴ Jones, *op. cit.*, III, 342.

A culpa, reconhecia com acerto Freud, é o problema básico do ser humano, e a despeito de quaisquer maravilhas que a tecnologia científica e o socialismo possam produzir (e ele esperava demais de ambos), o homem culpado é um miserável no meio da riqueza. Por isso, antes que se possa fazer qualquer coisa pelo homem, o fato da culpa deve ser levado em conta. Esse era um ponto de partida inaudito para um homem de ciência, e Freud, apesar de ser um materialista rigoroso e fiel, desqualificou-se de imediato ante os materialistas mais estritos, como os marxistas, por ter introduzido uma premissa religiosa num mundo sem Deus. Noutros lugares, isso foi visto como o renascimento da alma da cultura ocidental.⁵ Freud, porém, estava enfrentando ousadamente a questão *religiosa* basilar como um *cientista*, e, como tal, em vez de tratar da culpa em termos de Deus, Criação e Queda do homem, ele recorreu à antropologia.

⁵ Egon Friedell, *A Cultural History of the Modern Age*, vol. III. Charles Francis Atkinson, trad. (Nova Iorque: Knopf, 1933), 483.

ANTROPOLOGIA

A antropologia à qual Freud recorreu era, além disso, ostensivamente religiosa, mas verdadeiramente humanista, a saber, a de William Robertson Smiths (1846–1894), cujas obras, em particular *The Religion of the Semites* [A Religião dos semitas], era fundamental para entender-se a natureza e o significado do modernismo nas igrejas e do freudismo como psicologia. A influência basilar de William Robertson Smith no Modernismo e em Freud subjaz também ao estreitamento cada vez maior dos laços entre eles e da adesão dos dois à causa. Em *Totem and Taboo* [Totem e tabu] (1913), Freud expôs clara e abertamente essas premissas. Ele chamou a atenção para o fato de que, em toda cultura, *santo* ou *sagrado (tabu)* tem duplo sentido: “Para nós, por um lado significa sagrado, consagrado; mas, por outro, significa misterioso, perigoso, proibido e impuro”.¹ O que revela uma evidente ambivalência de emoções e uma ambivalência semelhante é fundamental para a consciência. A consciência quando violada leva a intensos sentimentos de culpa, mas a consciência também é violada pelos fortes sentimentos de culpa. “Aqui, a psicanálise confirma aquilo que os piedosos costumavam dizer, que todos somos pecadores miseráveis”.² Mas não pecamos contra Deus, pois para Freud Deus não existe. Freud voltou-se, então, para os pecados “sombrios” que açoitam os homens com horror, mas que estão escritos profundamente no “passado primitivo” do homem: incesto, parricídio e canibalismo. Resumindo brevemente a sua tese, na sociedade primitiva, ou na “horda primeva”, o “violento pai primevo” expulsava os filhos e reivindicava a posse sexual exclusiva da mãe e das irmãs. Esse complexo de Édipo é “a origem da moralidade em cada um de nós”.³ “O violento pai primevo era certamente o modelo invejado e temido de cada um dos filhos”. Era a encarnação do poder e da imagem paterna. Finalmente, os filhos rebeldes baniram, mataram e comeram o pai e possuíram a mãe e as irmãs.

Eles odiavam o pai que lhes impedia poderosamente o caminho às suas demandas sexuais e ao desejo de poder, mas eles também o amavam e admiravam. Depois de terem satisfeito o próprio ódio com a eliminação dele e de levarem a cabo o desejo de identificação com ele, os impulsos de ternura suprimidos reivindicavam reconhecimento. Isso acontecia na forma de remorso, formava-se um sentimento de culpa que coincidia aqui com o remorso geralmente sentido. Agora, o morto tornou-se mais forte do que tinham sido os vivos, igualmente como observamos hoje nos destinos dos homens. Aquilo que antes a presença do pai impedia, agora eles mesmos o proibiam na situação psíquica de “obediência subsequente” que conhecemos tão bem a partir da psicanálise. Eles desfaziam seus feitos declarando que o assassinato do pai substituto, o totem, não era permitido, e renunciavam ao fruto do que fizeram negando a si mesmos as mulheres liberadas. Assim, eles criaram dois tabus fundamentais do totemismo a partir do *sentimento de culpa do filho* e exatamente por isso tiveram de elaborar a correlação entre os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. Quem desobedecia tornava-se culpado dos dois únicos crimes que perturbavam a sociedade primitiva.

¹ A. A. Brill, trad., “*Totem and Taboo*,” *The Basic Writings of Sigmund Freud* (Nova Iorque: Modern Library, 1938), 821.

² *Ibid.*, 862.

³ Freud, “The Economic Problem in Masochism” (1924), em *Collected Papers*, II, 265.

Os dois tabus do totemismo, com os quais se inicia a moralidade do homem, não têm o mesmo valor psicológico. Um, o totem animal resguardado de extinção, assenta-se inteiramente em motivos emocionais; o pai tinha sido expulso e nada era capaz de reparar isso realmente. Mas o outro tabu, a proibição de incesto, tinha, ademais, um forte fundamento prático. A necessidade sexual não une os homens, separa-os. Assim, embora os irmãos tivessem conjugado forças para derrotar o pai, cada um rivalizava com o outro entre as mulheres. Cada um deles, à semelhança do pai, queria todas elas para si, e na luta de uns contra os outros a nova organização teria perecido, pois não havia ninguém mais forte do que todo o resto, capaz de assumir com sucesso o papel do pai. Assim, se quisessem viver juntos, nada restaria para os irmãos a não ser instituir a proibição do incesto – talvez depois de muitas experiências complicadas – pela qual todos igualmente renunciaram às mulheres que desejavam, em razão das quais haviam inicialmente deposto o pai. Dessarte, puderam salvar a organização que os fizera forte e que poderia se basear nos sentimentos e atividades homossexuais que eles manifestaram entre si durante o tempo do seu banimento. Talvez essa situação tenha também produzido o germe da instituição matriarcal descoberta por Bachofen, ab-rogada à época pela organização patriarcal da família.⁴

Depois de Heródoto, Freud viu os deuses como que criados à imagem do homem, do pai, em particular, de sorte que “Deus, no fundo, não é senão um pai exaltado”.⁵ No cristianismo, esse mito é levado ainda mais adiante. Agora, o filho é morto para fazer expiação pelo homicídio do pai e “desse sacrifício decorre a renúncia completa à mulher, por cuja causa a humanidade rebelara-se contra o pai”. O filho apaziguador torna-se Deus como o pai, para que “a religião do filho suceda à religião do pai”.⁶ Com Goethe, Freud repete: “No princípio era a ação”.⁷ A resposta poderia parecer simples: sabendo-se agora que os deuses não existem, por que o homem não deveria, segundo o conselho do Marquês de Sade, cometer incesto, parricídio e canibalismo para satisfazer o coração e ser verdadeiramente “livre”? Certamente, muitos seguidores de Freud – e não somente ele, como veremos – no mundo da arte e alhures afirmavam que a resposta era o *primitivismo* de ponta a ponta. Como já se vê claramente a partir da sua descrição da horda primeva, mesmo o chamado homem primitivo tinha poderosos impulsos “suprimidos” e, estando completamente fora de toda e qualquer lei civil, era ele próprio *uma lei interina, de sorte que a sua resposta ao próprio crime devia fazer cumprir a lei com força inexorável. Se o homem primitivo estava tão firmemente sujeito à lei interior, como é possível ao homem moderno, em quem ela tem raízes ainda muito mais profundas, ter a esperança de escapar?* Freud duvidava que pudesse. E aqui chegamos a uma distinção importante. Freud não ofereceu solução nenhuma para o problema, mas só uma *compreensão* dele. Os neo-freudianos insistem que não existe resposta. É nesse ponto que muitos dos admiradores e dos críticos de Freud se perdem. Trilling parece não estar a par da pulsão de Freud.⁸ Natenburg acusou Freud de conduzir a psicanálise como pesquisa e não como terapia e cita-o admitindo fracasso terapêutico.⁹ Para Natenberg, a essência da acusação contra os freudianos é que eles “acreditam que

⁴ “Totem and Taboo,” *Basic Writings of Freud*, 916ss.

⁵ *Ibid.*, 919ss.

⁶ *Ibid.*, 925.

⁷ *Ibid.*, 930.

⁸ Lionel Trilling, *Freud and The Crisis of Our Culture* (Boston: Beacon Press, 1955).

⁹ Maurice Natenberg, *Freudian Psycho-Antics, Fact and Fraud in Psychoanalysis*, cita o relatório do Dr. C. P. Oberndorf, em que Freud “não se via na obrigação de tentar impedir o suicídio do paciente”. (Chicago: Regent House, 1953), 29ss., 33, 97; cf. 95.

as neuroses são incuráveis”.¹⁰ A acusação não prospera porque só prova a opinião sustentada por Freud, ou seja, que a psicanálise não pode incorrer em autoengano e ser vítima da “mentira da salvação”, mas deve testemunhar da verdade como disciplina científica, ainda que o testemunho seja um conselho desesperador. O problema é: A conclusão de Freud baseia-se na análise correta dos fatos ou baseia-se numa antropologia deficiente?

Nesse ponto, conforme indica a competente análise de Harry K. Wells, a antropologia comparativa ataca o alicerce de Freud em seis pontos-chave, todos eles derivados por Freud das “doutrinas antropológicas espúrias, da chamada antropologia evolucionária britânica, especialmente as teorias de Robertson Smith”. Os “seis conceitos fundamentais” de Freud atacados agora pela antropologia comparativa são: (1) “o mito da horda primeva sobre o qual Freud estabeleceu as teorias do *id* e do *superego* e, portanto, da sociedade”; (2) “a doutrina das memórias filogenéticas” segundo as quais as sensações primitivas remotas, de todas as pessoas, “tornam-se memórias biologicamente hereditárias”; (3) o “conceito das fases sexuais infantis biologicamente inatas pelas quais toda criança deve passar entre o nascimento e os cinco ou seis anos de idade”, todas elas girando em torno das zonas erógenas – a boca com as pulsões canibalísticas orais, o ânus com as “pulsões sádico-anais agressivas e os órgãos sexuais primários e suas pulsões genitais”; (4) “o complexo de Édipo determinado biologicamente”; (5) “uma linguagem primordial composta de símbolos arcaicos na forma de imagens”, defendida como característica hereditária da natureza humana e manifestada em sonhos, mitos e folclore; e (6) “a consciência racial biologicamente herdada, o repositório de todas as memórias filogenéticas, das fases sexuais infantis, e das pulsões de Édipo e dos tabus contra elas, como também da linguagem simbólica primordial”. O colapso da antropologia de Freud tem sido em grande parte o responsável pelo revisionismo freudiano.¹¹

Mas Freud era em muitos aspectos mais esperto do que seus críticos e, ao adotar a base antropológica do modo como a adotou, ele não ignorava o seu caráter controverso. Durante toda a sua carreira, na medida em que tal antropologia ficou sob ataque crescente, Freud não tentou alterá-la em nenhuma hipótese. Em vez disso, em face da crítica, ele desenvolveu tal antropologia com intensidade ainda maior. A razão de Freud para isso era simples: ele era um cientista evolucionista e cria que a evolução era fundamental à sua perspectiva. Além disso, a evolução requeria em algum lugar um ato de fé, senão teria de assumir milagres contínuos que alimentassem o maquinário ou o mecanismo da fé evolucionária. Freud, por conseguinte, alegou que a única saída para o impasse evolucionário era seguir Lamarck, e, conforme observa Jones, “adotou por toda a vida” a crença lamarckiana.¹²

¹⁰ *Ibid.*, 97

¹¹ Harry K. Wells, *The Failure of Psychoanalysis, From Freud to Fromm* (Nova Iorque: International Publishers, 1963), 40-42.

¹² Jones, *op. cit.* I, 347.

A INFLUÊNCIA DE LAMARCK

Foi Lamarck (Jean Baptiste Pierre Antoine de Monet, 1744–1829) quem criou o termo “biologia”. Além disso, o débito da ciência moderna para com ele é bem maior do que geralmente se admite. A sua teoria da vida, simploriamente falando, era a de que a vida é movimento; a qualidade mais essencial da vida é o movimento, de modo que as duas podem ser equacionadas. Assim, a vida consiste de desenvolvimento e crescimento, absorção e excreção, e desenvolve-se sem a interferência externa de ordem sobrenatural. O homem todo; as propriedades e as faculdades se desenvolveram pelo exercício delas mesmas, mediante o movimento, de sorte que a experiência é parte importante da evolução, e as experiências passadas compõem o equipamento e a hereditariedade básicas do homem. De que outra maneira se poderia explicar o instinto dos animais, das formigas, das aranhas, dos pássaros migradores e de outras espécies de natureza semelhante? Ou foram implantadas, o que apontaria para o sobrenatural; ou foram adquiridas, o que apontaria para o natural. As características adquiridas são basilares ao lamarckismo, assim como a todo o pensamento evolucionário. A evolução é obrigada a negar a transmissão das características adquiridas, pois são improváveis e falsas, mas deve considerar como verdade o desenvolvimento e a transmissão de características adquiridas, caso contrário a evolução seria uma impossibilidade. Freud compreendia isso claramente e permaneceu, portanto, como um lamarckiano convicto da antropologia lamarckiana, enfrentando não pequena hostilidade científica, pois tinha mais consciência da questão do que seus críticos. Os revisionistas freudianos, notavelmente Karen Horney, substituíram até certo ponto a antropologia lamarckiana pela cultura contemporânea como a influência crítica sobre o homem. Mas Freud jamais negou o impacto da cultura. Ele apenas via a capacidade do passado lamarckiano do homem como grandiosa demais para o presente, um momento fugaz em comparação ao vasto inconsciente do homem, para alterá-la mais que levemente. Os revisionistas comparavam-se, portanto, a Trofim Denisovich Lysenko (1898–1976), que se dispunha a crer que a hereditariedade poderia ser modificada por uma boa criação [de animais], o que não passava de uma leitura equivocada de Lamarck, além de banalizar e trivializar o mecanismo das características adquiridas. As aquisições obtidas em milhões de anos não são facilmente modificadas por uma estação experimental de agricultura nem por uma série de seções com um psicanalista. Para Freud, por ridículos e insultuosos que certos aspectos da sua antropologia pudessem parecer para muitos, se a evolução fosse verdade, ela, de algum modo, tinha de ter acontecido dessa forma. “Se nada é adquirido, nada pode ser herdado”.¹ O lamarckismo tinha de ser preservado e desenvolvido.² Muitos, como Jones, que diziam estar respondendo aos freudianos, não conseguiram enxergar a importância da questão que estava em jogo.³ Para Jones, Freud era “o que se pode chamar de adepto obstinado desse lamarckismo desacreditado”.⁴ Freud, pelo contrário, enxergava a sabedoria de Lamarck e tentou reestabelecer o lamarckismo sobre a teoria pós-darwiniana e pós-freudiana, mas os seus seguidores não viam a

¹ Jones, *op. cit.* II, 222.

² *Ibid.*, 194s.

³ Jones, III, xii.

⁴ *Ibid.*, 311.

questão com a mesma clareza da visão de Freud,⁵ para quem a questão era simples: invalidando-se Lamarck, invalida-se a evolução. Os seus seguidores moviam-se conforme as marés e os modismos do pensamento científico, e foi assim que Jones pôde descartar o lamarckismo com base em “Julian Huxley, cuja autoridade é insuperável”!⁶

Além disso, Lamarck oferecia a mais mínima esperança possível ao homem. Talvez, na sua longa história futura, o homem aprendesse gradualmente a controlar e a modificar a sua herança e a adquirir novas características, mas Freud via pouquíssima possibilidade disso. Como todos os demais, Freud queria uma saída para o homem e estava disposto a procurá-la em toda parte, menos na religião, especialmente na religião bíblica. Ele se dispôs a considerar com seriedade muitas áreas de estudo, como a pesquisa psíquica, que os outros cientistas não viam com bons olhos, não porque ele fosse mais científico do que eles, mas porque tinha mais consciência do que a maioria deles sobre a condição desesperada do homem. O homem, movido pela culpa, usava os produtos da tecnologia apenas para intensificar a sua vontade de morrer e incrementar suas potencialidades masoquistas. Freud queria, mais do que todos, levar o homem aos pastos verdejantes da sexualidade livre e desinibida, entretanto, por mais que muitos leiam Freud nesses termos, ele via isso de outra maneira, apesar de expressões ocasionais de esperança, e, portanto, corretamente. Pois, negar a soberania e a lei absoluta de Deus era negar também a saída dada por Deus: sua soberania e graça salvadora. Em vez disso, Freud tinha somente a soberania e o poder total de uma força interior infalível, sem nenhuma alternativa e totalmente desprovida da graça. A única saída possível era o autoconhecimento estoico.

⁵ *Ibid.*, 286, 309ss.

⁶ *Ibid.*, 310.

PSICOLOGIA

Consideremos brevemente o conceito de Freud acerca da psicologia humana no contexto dessa antropologia. Para Freud, “no campo psíquico, o fator biológico é realmente o mínimo”,¹ referindo-se assim à biologia evolucionária e lamarekiana. Para Freud, a personalidade humana consistia de três sistemas principais, o *id*, o *ego* e o *superego*. Muito do entendimento equivocado sobre Freud surge da falta de reconhecimento dessas distinções, tidas como meras invenções de Freud e consideradas como capciosas, incomuns e absolutamente carentes de provas experimentais. O que na verdade podem ser, mas se traduzirmos os termos de Freud numa terminologia mais familiar por vocábulos que ele deixa de lado para evitar a sua conotação não científica, essas distinções tornam-se subitamente claríssimas.

Freud esforçou-se grandemente para definir o significado do *id* nos trabalhos *An Outline of Psychoanalysis* [Esboço de psicanálise], *The Ego and the Id* [O Ego e o *id*], e na *New Introductory Lectures on Psychoanalysis* [Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise]. O *id*, o aspecto mais antigo da personalidade humana, contém tudo o que é herdado, fixado na natureza humana, presente no nascimento e instintivo e está além das leis da lógica, especialmente além da lei da contradição. Não tem nenhuma negação, nenhum conceito de tempo nem reconhecimento da passagem do tempo e é desprovido do conhecimento de valores, moralidade, bem ou mal. É simplesmente “catexe” instintiva ou concentração de energia psíquica em busca de descarga. Em si mesmo, não tem conflitos. Tudo no *id* é inconsciente e assim permanece. O *id* não tem medo, é totalmente amoral e “obedece ao princípio do prazer inexorável”. O conceito do *id* era mais específico do que o da *inconsciência*, que incluía os impulsos reprimidos e representava a energia não diferenciada derivada “de dois instintos primários: vida e morte”. O *id* é o alicerce da personalidade; é infantil, quer a gratificação imediata, crê na própria onipotência, é incapaz de pensar, mas deseja e age. O *id* busca o prazer, a autogratificação e a evitação da dor. O *id* é o mundo íntimo do homem diante do qual ocorre a experiência singular do mundo exterior. O *id* é a libido inconsciente e desorganizada. Portanto, apesar de diferenças bastante reais, o *id* pode ser comparado ao que a teologia cristã chama de Primeiro Adão ou “velho homem” no homem, ou, mais especificamente, de Pecado Original, o aspecto do seu ser que o une federalmente a Adão, de sorte que é nascido em pecado e é por natureza filho do pecado e da morte. Para Freud, os instintos da vida e da morte estão igualmente presentes no *id*. Para a teologia cristã, o pecado – ou desejo de ser como Deus, autor e fonte da vida e criador absoluto – é fundamental para o velho homem e tão inevitável quanto as elaborações da morte.²

O *ego* é o “eu” do homem, é o aspecto organizado do *id*, uma organização psíquica que faz a mediação entre os seus sentidos e as suas necessidades; é o seu ímpeto de síntese, em prol da unidade de seus impulsos conflitantes com a áspera

¹ Sigmund Freud, “Analysis Terminable and Interminable” (1937), em *Collected Papers*, V, 357.

² Ver Jones, *op. cit.*, III, 280 ff.; Calvin S. Hall, *A Primer of Freudian Psychology* (Nova Iorque: Mentor, 1955), 22-27; Joseph Nuttin, *Psychoanalysis and Personality, A Dynamic theory of Normal Personality* (Nova Iorque: Mentor-Omega, 1962), 65ss.

realidade de um mundo exterior que não está sob o domínio do *id*. O *ego* é governado pelo *princípio de realidade*; é determinado pelas experiências do próprio indivíduo. Ele deve reprimir as demandas irracionais do *id*, pois, uma vez que é governado pelas experiências do homem, o *ego* tem consciência da realidade, ao passo que o *id* só quer sentir prazer e a autogratisação total. O *ego* é, portanto, a transação entre a pessoa e seu mundo, de modo que é moldado pela cultura de uma maneira impossível para o *id*. No homem bem ajustado, o *ego* governa tanto o *id* como o *superego* e vive em harmonia com o mundo exterior em benefício da personalidade como um todo. Embora o *ego* seja afetado culturalmente, as suas linhas de desenvolvimento e de ajuste são condicionadas pela hereditariedade e pelos processos naturais de crescimento. O *ego*, assim como o *id*, é capaz da fantasia, mas é capaz de reconhecê-la como devaneio; não confunde suas esperanças na busca pelo prazer com a realidade. Um aspecto importante do *ego*, segundo Freud, é este: “o *ego* não tem tendências sexuais, mas só o interesse na própria proteção e na preservação do seu narcisismo”.³ O *ego* não está necessariamente em guerra com o *id*, mas pode estar em busca da sua realização nos termos da realidade. Conforme declarou Freud:

Assim como o *ego*-prazer não é capaz senão de *desejar*, de empenhar-se em obter o prazer e em evitar a “dor”, da mesma maneira o *ego*-realidade não necessita senão de esforçar-se pelo que é *proveitoso* e de se proteger do que é danoso. Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade denota não a destronização do princípio do prazer, mas apenas a sua salvaguarda. O prazer momentâneo, de resultados incertos, é abandonado, mas somente para, mais tarde e de nova maneira, se obter o prazer garantido. Mas a consequência da impressão psíquica causada por essa substituição é tão poderosa que se espelha em um mito religioso específico. A doutrina da recompensa numa vida futura em razão da renúncia – voluntária ou forçada – às concupiscências terrenas não passa de uma projeção mítica dessa revolução na mente.⁴

Além disso, “a neurose é o resultado de um conflito entre o *ego* e o seu *id*, ao passo que a psicose é o resultado análogo de uma perturbação semelhante na relação entre o *ego* e o seu ambiente (o mundo exterior)”.⁵ Por ser governado pela realidade, o *ego* é forçado a reprimir certas demandas do seu próprio ser.

Quando o *id* faz uma exigência ao *ego*, a reação natural do *ego* é gratificar essa demanda instintiva. As *catexes*, ou energias psíquicas, no *id*, quase como uma carga elétrica, querem uma tomada de saída e, nos termos do princípio da realidade, o *ego* procura obter-lhes essa tomada.⁶ Mas o *ego* tem de lidar também com as *anticatexes*, tropa de choque ou de repressão às energias psíquicas ou *catexes*. Há um processo que mantém a repressão e assegura a sua continuidade; por trás dele está a “*anticatexe*, por meio de que o Pcs (pré-consciente) do sistema se protege da intrusão da ideia inconsciente”.⁷ Por que essa repressão? “No curso do desenvolvimento do indivíduo, parte das forças inibidoras no mundo exterior são internalizadas; cria-se no Ego um padrão que se opõe às outras faculdades mediante a observação, a crítica e a proibição. Chamamos esse novo processo de *superego*”. Consequentemente, o *ego*, antes que possa satisfazer o *id*, tem de “considerar não apenas os perigos do mundo exterior, mas

³ Sigmund Freud, “From the History of an Infantile Neurosis” (1918), em *Collected Papers* III, 594.

⁴ Sigmund Freud, “Foundation Regarding the Two Principles in Mental Functioning” (1911), em *Collected Papers*, IV, 18.

⁵ Sigmund Freud, “Neurosis and Psychosis” (1924), em *Collected Papers*, II, 250ss.

⁶ Sigmund Freud, “The Interpretation of Dreams,” 514-516, 533-537, e “Wit and its Relation to the Unconscious,” 734-738, em Brill, *Basic Writings of S. Freud*.

⁷ Freud, “The Unconscious” (1915), em *Collected Papers*, IV, 113.

também as objeções do *superego*”, assim a repressão é mais prevalecente do que a satisfação. “O superego é sucessor e representante dos pais (e dos educadores) que fiscalizam as ações do indivíduo nos seus primeiros anos de vida; ele perpetua as funções deles quase sem modificação; mantém o ego em dependência permanente e exerce pressão constante”. Como resultado, o *ego* procurar satisfazer essas autoridades, agora totalmente internalizadas, e cortejar o louvor delas em seu sacrifício ao *superego*.⁸ Assim, o *superego* pode ser o inimigo do *id* e uma força repressiva, mas pode também associar-se ao *id* na condenação do *ego* como coisa vil e indigna.

São esses os três sistemas que atuam dentro do homem e que compõem a sua personalidade. Evidencia-se agora que, apesar de terem nomes estranhos, são categorias bastante familiares ao pensamento ocidental. O *id* tem uma semelhança notável com a velha e caída *vontade* adâmica do homem, sua herança como membro da raça humana. O *ego* assemelha-se à *mente* do homem no sentido lato da palavra, e o *superego* compara-se ainda com mais clareza à *consciência*. As semelhanças são íntimas o bastante para tentar-se ler Freud nos termos das categorias tradicionais, especialmente quando se admite que Freud fez da *culpa do homem* uma questão fundamental para a psicologia. Mas, ao chamar-se a atenção para isso, deve-se acrescentar que Freud enfrentou a questão da culpa aberta e plenamente, nunca no mais remoto sentido religioso, mas com o propósito de destruir impiedosamente a possibilidade de um conceito religioso de culpa, pela sua interpretação biológica, antropológica, amoral e não religiosa. Assim, ele enfrentou a questão religiosa da culpa com uma fé messiânica na capacidade da ciência, se não para destruir a culpa, mas pelo menos para reduzi-la à *biologia* e depois respondê-la com discernimento científico. Outros psicólogos têm procurado ignorar as implicações religiosas da personalidade humana. Freud reconheceu-as e procurou dissolvê-las e destruí-las. Ele tratou da questão não apenas com a finalidade de tornar não religiosos o homem e sua culpa, mas para que fossem também depurados da filosofia e fossem considerados como estritamente biológicos. Freud militou debaixo da ilusão de que a ciência não envolvia pressupostos religiosos e filosóficos pré-teóricos. A psicanálise não serviria a nenhuma filosofia nem a nenhuma concepção filosófica, porque isso seria apenas “tirania, mesmo que disfarçada pelos motivos mais honrados”.⁹

⁸ Freud, *Moses and Monotheism* (Nova Iorque: Vintage Books, 1955), 149.

⁹ Freud, “Turnings in the Ways of Psycho-Analytic Therapy” (1919), *Collected Papers*, II, 399.

A TEORIA DA LIBIDO

Para retornarmos ao conceito freudiano da personalidade, consideremos brevemente um dos seus aspectos mais controvertidos, a teoria da *libido*. A análise da formação do caráter, e o estabelecimento de repressões e caráter na infância, não está muito longe de teorias estabelecidas há muito tempo. Mas descrever a energia instintiva do homem como essencialmente sexual desencadeou uma tremenda tempestade. Freud definiu a libido como “um termo usado na teoria dos instintos para descrever a manifestação dinâmica da sexualidade”.¹ Libido é a energia do ego, pois o ego ó seu “primeiro habitat”, que ela energiza e converte no seu quartel-general permanente.² A libido é a expressão dos instintos vitais, mas os instintos da morte também estão presentes no homem. Mas, por ora, consideremos apenas a libido. A sua orientação sexual tem sido a base de um ataque prolongado e selvagem contra Freud; ela tem também trazido em sua defesa todo tipo de força libertina imaginável. Há alguma justificativa para a posição de Freud? Nota-se imediatamente que a sexualidade tem quase sempre uma centralidade religiosa na história do homem, como indicam claramente o culto a Baal e todos os demais cultos à fertilidade. Ademais, é muito comum que em tempos de crise os homens se voltem para a sexualidade como um sinônimo religioso para vida, e a proximidade da morte tenha intensificado a sexualidade. No final da Idade Média, a praga na Europa trouxe não apenas a morte, mas também um mergulho fanático na sexualidade. Mais recentemente, quando o terremoto de 1906 arruinou São Francisco e abalou gravemente Oakland, homens horrorizados “faziam filas que se estendiam por quarteirões” em frente aos prostíbulos de Oakland “dias e noites inteiras”, buscando, em face da morte, afirmar a vida por meio da sexualidade.³ É uma evidência real, mas está longe de ser conclusiva. Em cada caso, o que está envolvido é uma cultura decadente e degenerada ou uma classe social degenerada. Aqui, a tese de Freud tem sido minada por estudos biológicos indicativos de que a sexualidade é predominante entre animais enjaulados, criados em zoológicos, os quais vivem em máxima condição de segurança, ao passo que entre os animais selvagens a preocupação principal do macho é o domínio (ou a hierarquia) e a territorialidade (ou a propriedade).⁴ A biologia de Freud baseava-se, portanto, em animais criados em zoológico, e a sua antropologia, em homens decadentes, em culturas socialistas e não numa sociedade livre. Nesse ponto a tese de Freud é ferida, mas não destruída. Sua tentativa de interpretar a culpa em termos biológicos é capaz de sobreviver a esse aleijão da teoria.

Para Freud, “as forças da neurose se originam na vida sexual”.⁵ E a vida sexual é sobrecarregada pela culpa, vinda em parte do *superego* e do treinamento repressivo do início da vida da criança e do *id*, no qual os tabus antigos são impulsos tão fortes que se equiparam às energias biológicas. Consequentemente, o homem fica partido ao meio entre o desejo de violar o tabu e o desejo de obedecê-lo, o que resulta numa

¹ Freud, “The Libido Theory” (1922), *Collected Papers*, V, 131.

² Freud, *Civilization and its Discontents*. Trad. por Joan Riviere, (Garden City, N.Y.: Doubleday Anchor Books, s.d.), 69.

³ Herbert Asbury, *The Barbary Coast* (Nova Iorque: Garden City Publishing Company, 1933), 279.

⁴ Ver Robert Ardrey, *African Genesis* (Nova Iorque: Atheneum, 1961).

⁵ Freud, “The History of the Psychoanalytical Movement,” em Brill, *Basic Writings of Freud*, 937.

ambivalência contínua, um “desejo e contra-desejo”.⁶ Esse conflito leva à repressão da libido, o que produz a *ansiedade*.⁷ Assim, os conceitos de Freud sobre neurose e ansiedade estão claramente relacionados à sua interpretação biológica da culpa.

⁶ Freud, “Totem and Taboo,” em Brill, *ibid.*, 835.

⁷ Freud, “Sexuality in the Aetiology of the Neuroses” (1898), em *Collected Papers*, I, 227; ver também *Totem and Taboo*, cap. 2. Ver ainda, “The Justification for Detaching from Neurasthenia a Particular Syndrome: The Anxiety-Neurosis” (1894), 76-106, e “A Reply to Criticisms on the Anxiety-Neurosis” (1895), 107-127, *Collected Papers*, I.

FREUD E A RELIGIÃO

Para Freud, que procurava destruir a religião por meio da ciência, a religião tinha de ser biológica. É significativa a avaliação que o próprio Freud fez da sua posição: “Considero-me como um dos inimigos mais perigosos da religião”.¹ Acerca de Deus, disse Freud: “Não sinto nenhuma espécie de temor do Onipotente. Se acaso nos encontrássemos, teria mais censuras a fazer-lhe do que ele me poderia fazer. Perguntar-lhe-ia por que não me dotou de melhor aparato intelectual, e ele não poderia se queixar de eu não ter conseguido usar melhor a minha dita liberdade”.² Como judeu, ele antipatizava com o cristianismo e, em carta, referia-se aos não judeus como “os infieis”.³ Para ele o cristianismo era um “mito”⁴ e o invalidava com o seu mito antropológico do parricídio pela horda primeva.⁵ A sua animosidade sempre estava em evidência.⁶ Mas perderemos completamente o fio da meada se deixarmos de ver que a rebeldia de Freud, como judeu, voltava-se mais contra Moisés do que contra Cristo. A sua aversão até mesmo pelo aspecto exterior do judaísmo – e ele tinha consciência do seu afastamento dos padrões bíblicos – era intenso, pois a associava a Moisés e ao Deus de Moisés. Martin, seu filho, revelou que apesar da sua orientação social judaica, Sigmund Freud “nunca se permitiu ser afetado por considerações religiosas”.⁷ Jones foi mais direto: Freud “desprezava” o judaísmo ortodoxo de seus pais.⁸ Os seus sentimentos a esse respeito eram tão fortes que, antes de se casar, considerou seriamente a possibilidade de converter-se a um protestantismo nominal para “pode se casar sem as cerimônias judaicas complicadas que ele tanto odiava”.⁹ Em certa ocasião, manifestou cinismo ou desprezo pelos judeus. Assim, ao tomar conhecimento da morte de Alfred Adler, ele disse a Arnold Zweig que não podia entender a sua “pena” pela morte de “um garoto judeu” que tinha sido “ricamente” recompensado “pelo seu serviço em ter contraditado a psicanálise”.¹⁰ Freud negava que conhecia hebraico e ídiche, embora os indícios assinalam que conhecia ambas as línguas.¹¹ De maneira geral, entretanto, apesar do seu desprezo pela autoridade mosaica, Freud era um judeu dedicado. Sua carta, um ano antes de morrer, ao *Committee of the Yiddish Scientific Institute – YIVO* [Comitê do Instituto Científico Ídiche] expressa bem os sentimentos dele: “Feliz e orgulhosamente reconheço meu judaísmo, nada obstante minha atitude para com qualquer religião, inclusive a nossa, seja criticamente negativa”.¹² Sionista moderadamente interessado, Freud foi membro dedicado da associação beneficente B’nai B’rith, à qual escreveu seu efusivo reconhecimento em 6 de maio de 1926: “Vocês foram a minha primeira

¹ Jones, *ibid.*, III, 124; cf. 192

² *Letter of Sigmund Freud*, 307ss.

³ *Ibid.*, 29.

⁴ “Totem and Taboo” em Brill, *Basic Writings of Freud*, 924ss.

⁵ Freud: *Moses and Monotheism*, Katherine Jones, trad. (Nova Iorque: Vintage Books, 1955), 110ss., 129, 179ss.

⁶ Freud, *Group Psychology and the Analysis of the Ego*, 33-35; *Civilization and its Discontents*, 13f., 57, 65, 72, 100; *Leonardo da Vinci, a Study in Psychosexuality*, A. A. Brill, trad. (Nova Iorque: Random House, 1947), x.

⁷ Martin Freud, *Sigmund Freud, Man and Father*, 190.

⁸ Jones, *op. cit.*, I, 116.

⁹ *Ibid.*, 167.

¹⁰ James, *op. cit.*, III, 209.

¹¹ David Bakan, *Sigmund Freud and the Jewish Mystical Tradition* (Princeton, NJ: Van Nostrand, 1958), 49ss.

¹² Jones, *op. cit.*, III, 237.

audiência”. Com eles, Freud partilhou de “uma identidade íntima, a familiaridade da mesma estrutura psicológica,” e reconheceu “que é só à minha natureza que devo as duas qualidades que me foram indispensáveis ao longo de toda minha vida dificultosa”, sendo a primeira um intelecto livre de preconceitos e, a segunda, o preparo “para estar na oposição e para rejeitar acordos com a ‘maioria compacta’”.¹³

A formação de Freud tinha raízes profundas no pensamento herético judaico – pensamento religioso e filosófico em rebelião contra a mera sombra da lei mosaica. O místico Jacob Frank (1726–1791), por exemplo, havia exposto a doutrina da santidade do pecado. “Pelo pecado, viria a salvação. Do grande pecar surgiria um mundo onde não haveria mais pecado”.¹⁴ Esse conceito aproximava-se totalmente da tradição iluminista da época, que se refletia também no pensamento de Heinrich von Kleist. Na tradição judaica, essas heresias pretendiam quebrar o jugo da Torá, o jugo de Moisés, e proclamar a morte da Lei. A tradição cabalística, segundo Bakan, está encravada profundamente na psicanálise e o *Zohar* insinuava simbolicamente *com base* “na noção psicanalítica de que as profundezas da satisfação sexual estão em manter cópula com a mãe”.¹⁵ Freud escondia a natureza herética de suas teorias para que ela não recrudescesse a hostilidade ao judeu, acumulando-se à hostilidade que a psicanálise por certo suscitaria.¹⁶ Mas Freud, afirma Bakan, também judeu, seguia claramente a linha de Sabbatai, o falso Messias dos judeus do século 17, o qual “secularizava o misticismo judaico; além disso, a psicanálise pode ser vista inteligentemente como tal secularização”. Freud tinha “tendências sabbatianas”.¹⁷ Tudo isso era verdade e Freud ansiava por uma vitória antinomiana, mas ele mesmo é quem condenaria essas tendências!

Mas a questão pode ser levada para além da “tradição mítica”. Por trás das heresias judaicas e cristãs tem havido sempre um forte antinomianismo arraigado nos cultos de fertilidade da Europa e da Ásia, muitos dos quais subsistiram longamente na Europa, inclusive na Rússia. Todos comparáveis ao que o Antigo Testamento chamou de culto a Baal, nos quais essa fé era levada às suas conclusões lógicas. Não é de surpreender que, tanto na igreja como na sinagoga, os pensadores heréticos têm se voltado para os valores do culto a Baal; o que tem sido feito mais abertamente nos círculos judaicos, conforme testemunha a defesa do culto a Baal por parte de Theodore H. Gaster.¹⁸ Dr. Richard L. Rubenstein, diretor da Fundação Hillel e capelão dos estudantes judeus da *University of Pittsburgh*, diante de uma audiência protestante, despejou: “Em nossa redescoberta da terra de Israel e das suas divindades perdidas, entramos novamente em contato como os poderes da vida e da morte que produziram os sentimentos dos homens acerca de Baal, Astarote e Anate. Poderes que se tornaram

¹³ *Letters of Sigmund Freud*, 367; ver outros comentários sobre judeus em 165, 202ss., 210, 365-368. Para mais expressões da atitude de Freud acerca dos judeus, ver Jones II, 18, 116, 149, 153, 162 f., 353ss., 398ss. (comentários de Jones), 458 III, 109ss., 124, 159ss., 187, 194, 221, 237, 306. Quanto ao grande deleite de Freud no humor judaico, ver a sua obra *Wit and its Relation to the Unconscious*. Além disso, outro judeu acusou Freud de odiar judeus, Jones III, 369ss.

¹⁴ Bakan, *Freud and the Jewish Mystical Tradition*, 107.

¹⁵ *Ibid.*, 288.

¹⁶ *Ibid.*, 38-43.

¹⁷ *Ibid.*, viii, 25, 132.

¹⁸ Theodore H. Gaster, “The Religion of the Canaanites,” em Vergilius Ferm (org.): *Ancient Religions* (Nova Iorque: Philosophical Library, 1950), 111-143; ver especialmente o parágrafo finalizador, 140.

mais uma vez decisivos na nossa vida religiosa”.¹⁹

Freud era uma profundíssima parte dessa tradição. Ele tentou encobrir os rastros da sua fonte judaica imediata com o acolhimento de seguidores “cristãos”.²⁰ Conforme disse com rudeza a seus seguidores judeus, para Freud era importante que Jung fosse o presidente permanente do Congresso Psicanalítico (1910) com a finalidade de remover o rótulo de judeu da teoria freudiana.²¹ Não há dúvida que Jones serviu depois a propósito semelhante.²² Freud via-se, ao mesmo tempo, como inimigo de Moisés e como um novo Moisés, apontando o caminho de uma nova Terra Prometida, vista apenas de longe.²³ Como “o novo legislador”, ele “tinha de tratar Moisés destrutivamente. O novo legislador tem de abolir a velha lei”. Assim como via o Moisés de Michelangelo, Freud via-se como alguém da multidão que se convertera ao culto da fertilidade, prostrado na adoração ao bezerro de ouro, e como objeto da ira e da lei de Moisés.²⁴ Ele escreveu *Moses and Monotheism* [Moisés e o monoteísmo] com dois propósitos: o primeiro, expulsar Moisés do judaísmo, fazendo-o um gentio, um egípcio, e, portanto, alguém que não pertencia ao povo eleito; e o segundo, “assassinar” Moisés e a sua lei.²⁵ Significativamente, Freud identificava-se com Aníbal²⁶ – uma “identificação apaixonada”, segundo nos diz Jones – a quem ele enxergava como representando a antiga oposição judaica (cananeia) a Roma (a igreja católica).²⁷ Ele levava a sério o seu raizame: “Em seus cômodos Freud cercava-se de todo deus pagão que podia encontrar”.²⁸ O Diabo nas lendas judaicas tentava os judeus à apostasia, ao bezerro de ouro em certo sentido. Nesse sentido Freud via-se como Satanás, como um libertador, e comentava: “Sabia que eu sou o Diabo? Durante toda a minha vida fiz o papel do Diabo, para que os outros pudessem construir a mais bela catedral com os materiais que eu produzi”.²⁹ Sua função era messiânica.

Portanto, sob a manha de “fazer o papel do Diabo” ele servia aos interesses sabbatianos e diminuiu a distância entre a cultura judaica e o Iluminismo ocidental. Quanto a isso, porém, pode-se considerar que assim como Freud introduziu a cabala na ciência, da mesma maneira incorporou a ciência na cabala. No rumo ao sabbatianismo, ao eliminar o vazio entre a cultura judaica e o Iluminismo ocidental, Freud age como o messias, não somente para a cultura judaica, mas também para a ocidental.³⁰

A sua missão era destruir Moisés, que representava a lei e a *culpa* da lei. Ao fazer de Moisés um egípcio, e depois “matando-o”, “Freud passa a ser um herói judeu na história dos judeus. Ele realiza a função messiânica tradicional de aliviar a culpa, exatamente a mesma função atribuída a Jesus”.³¹

¹⁹ Richard L. Rubenstein, “Person and Myth in the Judaeo-Christian Encounter,” em *The Christian Scholar*, XLVI, 4, Winter, 1963, 284.

²⁰ Jones, *op. cit.*, II, 48, 51.

²¹ Bakan, *op. cit.*, 58, 122.

²² Quanto ao comentários de Jones sobre Freud e os seguidores gentios, ver Jones, *op. cit.*, II, 43ss. 48ss., 69ss, 72.

²³ Jones, *op. cit.*, II, 33; cf. 96, 363ss.

²⁴ Bakan, *op. cit.*, 127; cf. 159ss.

²⁵ *Ibid.*, 147, 164.

²⁶ Jones, *op. cit.*, II, 19.

²⁷ Bakan, *op. cit.*, 177, 181, 227.

²⁸ *Ibid.*, 134.

²⁹ *Ibid.*, 181.

³⁰ *Ibid.*, 229; cf. 169ss.

³¹ Bakan, “Moses in the Thought of Freud, An Ambivalent Interpretation,” em *Commentary*, vol. 26, nº 4, Outubro de 1958, 331. Para uma interpretação mais recente, com visão em direções parecidas, ver Charles E. Maylan, *The*

Em *Moses and Monotheism* [Moisés e o monoteísmo], a premissa de Freud, sem a mínima comprovação, é a de que Moisés era egípcio. O que era de total importância para Freud – é impossível que ambos, Moisés e Freud, reivindicuem o direito de expressar com legitimidade a vocação eleita e racial e a palavra de libertação. E, para Freud, estar cativo à lei é mais terrível do que estar cativo a faraó, e, portanto, Moisés é um falso libertador. A origem egípcia de Moisés “baseava-se apenas em probabilidades psicológicas e carecia de prova objetiva”.³² As “probabilidades psicológicas”, devemos acrescentar, estavam totalmente na cabeça de Freud e pressupostas no entendimento que ele tinha do seu próprio destino, como em oposição ao de Moisés. Moisés, o egípcio, transmitiu a sua fé egípcia aos judeus, “a de Ikhnaton, a religião de Aton”.³³ Os judeus sublevaram-se contra este tirano escravizador, Moisés, e mataram-no. Mas depois sentiram na própria natureza a ira de Moisés e da sua lei, mediante retorno dos reprimidos, pois exatamente como ocorreu na horda primeva, a lei do Pai permaneceu. Moisés, como o pai, vingou-se por meio do *id* e do *superego* deles, nos quais sobrevive “o arquétipo de Deus, o Pai primevo, e suas reencarnações”.³⁴ Freud sentiu assim que a sua “pesquisa” libertou o homem ao “reduzir a religião à condição de neurose da humanidade”.³⁵ A liberdade do homem exigia a abolição da religião. “Na Rússia Soviética tentou-se melhorar a vida de milhões de pessoas até agora mantidas sob repressão. As autoridades foram ousadas o suficiente para privá-las do paliativo da religião e sábia o bastante para conceder-lhes uma medida razoável de liberdade sexual”.³⁶ Está bastante claro que Freud esperava que a liberdade do homem fosse alcançada pela abolição da religião. Brill vai tão longe a ponto de falar da “máxima de Freud segundo quem nenhuma neurose é possível numa vida sexual normal”.³⁷ Freud deu espaço para tal conclusão, mas deu ainda mais espaço contra ela.

Os três favoritos dentre os seus livros eram *The Interpretation of Dreams* [A Interpretação de sonhos], *Three Essays* [Três dissertações] e *Totem and Taboo* [Totem e tabu]. Mas ele deixou claro que, fora esses três, “talvez aquele pelo qual ele nutria a maior afeição pessoal fosse o seu livro sobre Leonardo”.³⁸ Há mais do que uma pequena prova para esse comentário. É importante que se note que o *Leonardo da Vinci* (1910) de Freud foi o seu único experimento em “biografia”. Freud “tinha o máximo respeito” pela grandeza de Leonardo e identificava-se com ele como um pesquisador solitário do conhecimento natural.³⁹ De fato, Jones chega ao ponto de dizer: “sou levado a essa conclusão pelo sentimento de que muito do que Freud disse, ao penetrar na personalidade de Leonardo, eram, ao mesmo tempo, uma descrição de si mesmo; havia seguramente uma identificação extensiva entre Leonardo e ele mesmo. Pela biografia ficamos sabendo que Leonardo era dilacerado por dois impulsos: a paixão pelo conhecimento científico e a paixão pela criação de obras de arte”.⁴⁰ Não nos interessa aqui avaliar a análise de Freud, nem a sua tolice absurda num ponto crítico.⁴¹ O que

Tragic Complex of Freud, citado com rejeição por Joseph Jastrow, *Freud: His Dream and Sex Theories* (Cleveland: World Publishing Company, 1932), 253-257.

³² Freud, *Moses and Monotheism*, 16; cf. 3-15.

³³ *Ibid.*, 27.

³⁴ *Ibid.*, 115.

³⁵ *Ibid.*, 68.

³⁶ *Ibid.*, 67.

³⁷ A. A. Brill, trad., em “Introduction,” Freud, *Leonardo da Vinci*, viii.

³⁸ Jones II, *op. cit.*, 401.

³⁹ *Ibid.*, 346.

⁴⁰ *Ibid.*, 432.

⁴¹ *Ibid.*, 348.

interessa é a identificação de Freud com um homem acusado, mas inocentado, de homossexualismo, de quem Freud afirmou: “não se sabe se Leonardo tenha alguma vez envolvido uma mulher em amor nem se ele alguma vez manteve algum relacionamento espiritual íntimo com uma mulher”.⁴² Além disso, o desejo de Leonardo pelo conhecimento absoluto fazia-o quase sempre deixar as suas obras inacabadas.⁴³ Freud, ao contrário, era um pai de família e um teórico ousado e disposto. “A máxima de Leonardo”, segundo Freud, era esta: “Em vez de agir e produzir, deve-se apenas investigar”.⁴⁴ Aqui começamos a reconhecer a identificação: Freud só poderia ser Moisés em um único ponto. Ele sabia que não havia, com toda a possibilidade, nenhuma terra prometida, que só podia ser avistada de longe, mas nunca adentrada. Então, a investigação, o entendimento, passa a ser para o iluminado o único trabalho digno. A sua esperança quanto à Rússia, expressada por ele no seu último livro, *Moses and Monotheism* [Moisés e o monoteísmo], ele a negara muitas vezes antes. Anos antes, nas suas palestras da *Clark University* (EUA), ele havia negado a possibilidade da evasão pela sexualidade. Se a culpa era produção só do *superego*, então a educação do livre-pensamento da criança haveria de remover a culpa e a repressão. Mas o *id* em si mesmo e tanto o desejo da morte como o desejo do prazer, de sorte que leva em seu ser não apenas a culpa, mas a sentença de morte sobre essa culpa.

No conflito íntimo do homem, portanto, “esse conflito não é resolvido ajudando-se um lado a obter a vitória sobre o outro”. Nem o ascetismo nem a advertência para se “viver livremente” valerão alguma coisa. Nenhuma dessas “soluções” porá termo ao conflito interior. “Em qualquer caso, um dos lados ficará insatisfeito”, pois o homem é uma lei ou Torá ambulante de antigos tabus que o governam infalivelmente. Mas Freud não deseja defender a “moralidade convencional, que está tão longe do nosso propósito quanto a outra”. Freud não é um “reformador”, mas um “observador”. É com firmeza e vigor que ele condena a moralidade sexual convencional: “aquilo que o mundo chama de seu código de moral demanda mais sacrifícios do que vale à pena”. Nem a “licença sexual” nem o “ascetismo incondicional” (embora ele afirmasse que as suas implicações neuróticas talvez fossem, e muitas vezes eram, superestimadas) nem um caminho intermediário teria qualquer utilidade. Se havia algum “efeito terapêutico da psicanálise” em evidência, esse era “a substituição de algo consciente por algo inconsciente, a transformação de pensamentos inconscientes em pensamentos conscientes, que torna eficaz o nosso trabalho”.⁴⁵ Em outras palavras, o entendimento é a chave, de modo que, se seguirmos a via do ascetismo, da licenciosidade ou da moralidade convencional, a nossa “liberdade” não está na mudança de vias, mas no entendimento do porquê de nos comportamos assim.

Freud declarou isso com a maior clareza numa carta de 9 de abril de 1935 a uma senhora cujo filho era homossexual. Ele a censurou pelo horror e vergonha que sentia. “Com certeza a homossexualidade não é nenhuma vantagem, mas não é motivo para se envergonhar, não é nenhum vício nem degradação; não pode ser classificada como doença; consideramo-la uma variação da função sexual, produzida por um certo arresto do desenvolvimento sexual”. Muitos “indivíduos altamente respeitáveis” foram homossexuais, como Platão, Michelangelo, Leonardo e outros. “É uma grande injustiça

⁴² Freud, *Leonardo*, 16.

⁴³ *Ibid.*, 18.

⁴⁴ *Ibid.*, 22.

⁴⁵ Freud, *A General Introduction to Psychoanalysis*. Joan Riviere, trad. (Nova Iorque: Garden City Publishing Company, (1920) 1938), 375-377.

perseguir a homossexualidade como crime; e também uma crueldade. Se a senhora não acredita em mim, leia os livros de Havelock Ellis”. Quanto a curar o filho dela, ou seja, “abolir a homossexualidade e fazer a heterossexualidade normal tomar o lugar dela”, Freud disse: “de maneira geral não podemos prometer que alcançaremos isso (...) que a análise possa fazer seu filho seguir rumo diferente. Se ele é infeliz, neurótico, despedaçado por conflitos, inibido na vida social, a análise poderá conduzi-lo à harmonia, à paz de espírito, à plena eficiência, caso ele permaneça homossexual ou seja transformado”.⁴⁶

Assim Freud cumpriu seu propósito até certo ponto. Deus tinha sido substituído pelo mito biológico e pela evolução; a queda do homem, pelo mito antropológico; o parricídio, pela horda primeva. A lei fora abolida e Moisés exorcizado. A culpa é agora não a violação da lei de Deus, mas uma ofensa contra a lei interior da consciência do homem. Apesar de a ofensa original ser um mito, o castigo é real. Mas, em face disso, essa “iluminação”, apesar de não libertar o homem do castigo da culpa, pelo menos permite-lhe reconhecê-la como mítica de modo que consegue viver com ela e, num certo sentido, negá-la. Assim, a iluminação de Freud é, de uma certa maneira, comparável à fé da Ciência Cristã: a doença é irreal, pois tudo é Mente e o corpo (matéria) inexistente; portanto, a morte não existe, mas, se entrementes quebrarmos uma perna e começarmos a morrer, temos a consolação de saber que tudo é Pai-Mãe-Mente, logo, nada do que experimentamos é real. O livro de Frank Podmore *From Mesmer to Christian Science, A Short History of Mental Healing* [De Mesmer à Ciência Cristã, uma breve história da cura mental], bem que poderia ser ampliado para incluir a psicanálise e Freud. Podmore (1855–1910) foi um dos fundadores da Sociedade Fabiana, na qual eram profundos os entrelaçamentos entre ocultismo, cura mental, socialismo e relativismo.

Voltemos à carta de Freud à mãe do homossexual. Aqui fica evidente que ele não vacila na sua conclusão: *porque não há lei, não há pecado nem crime*. O resultado disso é que a denominação máxima que se pode dar a uma ofensa criminal é a de “doença mental”, conceito originado claramente de Freud. Se pensarmos em termos de pecado, atribuímos responsabilidade, da qual decorrem reparação e castigo. Se pensarmos em termos de saúde mental, negamos a responsabilidade e tornamos o caso uma questão médica ou psiquiátrica. Conforme anunciava um cartaz amplamente divulgado na década de 1950: “A Doença mental não é uma vergonha. Pode acontecer a qualquer um”. Em outras palavras, *não há* responsabilidade.⁴⁷ Isso significa que por não ser responsável, o homem não tem liberdade verdadeira, e, por conseguinte, não tem direito às liberdades civis. Pode ser indefinidamente hospitalizado por algum crime e servir de cobaia aos psiquiatras. Ele não tem direitos.⁴⁸

⁴⁶ *Letters of Sigmund Freud*, 423ss.

⁴⁷ Ver O. Hobart Mowrer, *The Crisis in Psychiatry and Religion* (Princeton, NJ: Van Nostrand, 1961) e Thomas S. Szasz, M.D., *The Myth of Mental Illness* (Nova Iorque: Hoeber-Harper, 1961).

⁴⁸ Ver Thomas S. Szasz, “Psychiatry’s Threat to Civil Liberties,” em *National Review*, XIV, 10, 12/3/1963, 191-193, e Szasz, “What Psychiatry Can and Cannot do,” em *Harper’s*, vol. 228, n° 1365, fevereiro de 1964, 50-53; ver também Szasz, *Law, Liberty and Psychiatry* (Nova Iorque: Macmillan, 1963).

O ESTADO

Voltando à tese de Freud: não há lei, não há crime, *somente culpa*. Essa culpa é primitiva e assombra o homem, *cuja natureza exige e nega* três “desejos instintivos de incesto, canibalismo e assassinato”.¹ A maioria das pessoas reage com repugnância a esses conceitos, mas compreende-se melhor o fato se reconhecermos que o incesto visa à mãe e às irmãs, e o assassinato e o canibalismo visam ao pai, e, na mente de Freud, esses três instintos envolvem uma espécie de assassinato de Deus e a violação da lei divina. A natureza do homem exige e, ao mesmo tempo, condena selvagememente, e essa tensão despedaça o homem. Assim, o socialismo é uma resposta enganosa, por mais que Freud a quisesse verdadeira.

De início fomos tentados a procurar a essência da cultura nas fontes materiais existentes e nos processos da sua distribuição. Mas ao descobrir-se que toda cultura se fundamenta no trabalho compulsório e na renúncia instintiva e que, por isso, evoca inevitavelmente a oposição dos afetados por essas demandas, ficou claro que as próprias fontes, os meios de adquiri-las e os processos de distribuição não poderiam ser a sua característica essencial ou única, pois estão ameaçados pelas paixões rebeldes e destrutivas dos membros da cultura. Assim, além dos recursos há os meios de defesa da cultura, as medidas coercivas e outras medidas que pretendem reconciliar os homens com a cultura e recompensá-los por seus sacrifícios. Além disso, esses últimos podem ser descritos como a esfera física da cultura.²

Mas ele é realmente favorável a um tipo de elitismo, como o da ditadura do proletariado, porque “não é possível governar as massas senão pela minoria, pois as massas são preguiçosas e desinteligentes”.³ Por outro lado, “a cultura pouco tem a temer dos instruídos ou dos que trabalham com o intelecto”. Essas pessoas são alheias à religião e esclarecidas. As massas, ao descobrirem o ateísmo dos líderes, acompanhariam seus resultados científicos e ateísmo “sem que neles se efetivasse o processo de mudança que o pensamento científico induz nos homens”. Desprovidos do temor de Deus e incapazes da iluminação científica, eles “com certeza não hesitarão em matar (...) Daí decorre a necessidade de suprimir-se com o máximo rigor essas massas perigosas e de excluir-se completamente qualquer oportunidade de despertamento mental, ou é indispensável a revisão fundamental da relação entre cultura e religião”.⁴ Que esperança há, então, para um futuro sem religião de qualquer valor para o homem?⁵ Que fará o homem sem o “narcótico” da religião?⁶ O problema será real e Freud admite “a possibilidade de estar também perseguindo uma ilusão”, mas o homem ainda deve esperar e experimentar “uma educação não religiosa”, quer dizer, também sem valor.⁷ A “infantilidade” tem de ser superada e “vencida”, pois “o homem não pode continuar uma criança para sempre; ele tem finalmente de se aventurar no mundo hostil. Pode-se chamar isso de ‘educação para a realidade’. Será que preciso lhe dizer que o único objetivo do meu livro é chamar a atenção para a necessidade desse avanço?”⁸ Mas o

¹ Freud, *The Future of an Illusion* (Garden City, NY: Doubleday Anchor Books, 1927), 12ss.

² *Ibid.*, 11ss.

³ *Ibid.*, 6ss.

⁴ *Ibid.*, 69ss.

⁵ *Ibid.*, 79.

⁶ *Ibid.*, 87.

⁷ *Ibid.*, 86ss.

⁸ *Ibid.*, 88ss.

objetivo implícito era o estado totalitário indispensável para garantir esse crescimento sem anarquia.

Se você quiser expulsar a religião da nossa civilização europeia só o conseguirá mediante outro sistema de doutrinas que logo de início assumam todas as características psicológicas da religião, a mesma santidade, rigidez, intolerância, e a mesma proibição de pensar, em defesa própria. Deve-se ter algo assim com respeito às exigências do sistema educacional.⁹

Esse trecho, deixado de fora na maioria das discussões de Freud, é a convocação clara de um inquisidor-mor psicanalítico que instituirá em nome “das exigências do sistema educacional” um estado totalitário capaz de recorrer até mesmo à “proibição de pensar, em defesa própria”. O “pensar” em questão é evidentemente a fé bíblica. Tudo isso em nome de uma esperança que Freud admite como possivelmente ilusória e certamente remota!

Que possibilidade de esperança havia aí para ser explorada? Todas as religiões não passam de “desilusão em massa”.¹⁰ A felicidade perene é insuportável ao homem, para ele é “muito menos difícil ser infeliz”, pois “somos constituídos de modo que só conseguimos desfrutar bem menos intensamente os contrastes do que os próprios estados”.¹¹ Ademais, “a liberdade do indivíduo não é um benefício da cultura”, que se fundamenta na repressão.¹² “A civilização humana assenta-se sobre dois pilares, um é o controle das forças naturais; o outro, a restrição dos nossos instintos. O trono do governante assenta-se sobre escravos em cadeias”. Particularmente, os instintos sexuais são fortes, selvagens e antissociais.¹³ Mas a moralidade sexual “civilizada” é deletéria e produz pessoas doentamente nervosas. Daí “a urgência” da reforma sexual.¹⁴ No entanto, as pessoas não podem ser instadas a medidas sexuais contra as quais conservam repressões íntimas.¹⁵ Além disso, a “sublimação do instinto” é indispensável à evolução cultural; é produtiva para a ciência. É indispensável que a privação seja controlada, para que sejam evitadas as perturbações graves, mas as privações são necessárias até certo ponto.¹⁶ Então, onde resta alguma esperança? A esperança está em *Eros*, pois ele “almeja unir indivíduos humanos singulares, e, portanto, famílias, tribos, raças e nações, na grande unidade que é a humanidade”. *Eros*, portanto, é uma via de esperança. “As massas humanas têm de ser ligadas umas às outras libidinosamente; a necessidade pura e simples, a vantagem do trabalho comum, não bastariam para conservá-la juntas”. Nessa linha de pensamento, Freud foi um dos pais da espécie de crença de Brock Chisholm, de que o internacionalismo é o auge de *Eros* e da verdadeira saúde mental, em oposição à doença mental. Mas, com o seu próprio relativismo, como pode Freud afirmar que *Eros* é mais importante do que *Morte*, que a inclinação para amar é mais básica do que a inclinação para morrer? A posição dele é uma forma de dualismo ancestral; um dualismo ao qual falta um critério para discernir entre luz e trevas.

O instinto natural de agressividade no homem, a hostilidade de um contra todos e de uns contra os outros, opõe-se a esse plano de civilização. Esse instinto de agressão deriva e é o

⁹ *Ibid.*, 92.

¹⁰ Freud, *Civilization and its Discontents*, 23.

¹¹ *Ibid.*, 16ss.

¹² *Ibid.*, 40.

¹³ “The Resistances to Psycho-Analysis” (1925) em *Collected Papers V*, 170.

¹⁴ “‘Civilized’ Sexual Morality and Modern Nervousness.” (1908) em *Collected Papers II*, 76-99.

¹⁵ “Observations on ‘Wild’ Psycho-Analysis” (1910), *Collected Papers II*, 297-304.

¹⁶ *Civilization and its Discontents*, 42ss.

representante principal do instinto mortal que encontramos lado a lado com Eros, partilhando do seu governo sobre a terra. Parece-me, agora, que o significado da evolução cultural não representa mais um enigma para nós, mas [esse instinto de agressividade] apresenta-nos a luta entre Eros e Morte, entre os instintos de vida e os de destruição, conforme se desenvolvem na espécie humana. A vida consiste inteira e essencialmente nessa luta e, portanto, pode-se descrever a evolução da civilização meramente como a luta da espécie humana pela existência. E é essa batalha de titãs que nossas babás e amas tentam descrever com as suas cantigas de ninar celestiais!¹⁷

São “duas ‘forças do céu’ com poderes iguais, a Morte e o seu “adversário igualmente imortal”, o “Eros eterno”. Freud, assim, recusa o papel atraente de profeta de boas novas. “Curvo-me à reprovação deles de que não tenho consolação a oferecer-lhes, porque, no fundo, todos demandam isto: que o revolucionário mais desvairado seja tão apaixonado quanto o crente mais piedoso”.¹⁸

As esperanças de Freud talvez se alinhassem ao lado de Eros, do socialismo e do internacionalismo, mas ele não poderia fazer outra coisa que não rejeitar essas esperanças como ilusórias. Assim expressa ele o seu respeito por Romain Rolland, em carta que lhe escreveu em 4 de março de 1923, como aquele “cujo nome tem sido associado às ilusões mais preciosas e belas, as do amor desdobrado sobre toda a humanidade”. Por ser judeu, disse Freud que não se dispunha prontamente a acreditar em ilusões. Além disso, “grande parte da obra da minha vida”, continuou ele, tem sido gasta na destruição de ilusões pessoais “e da humanidade”. Os escritos de Freud não poderiam ser o que os de Rolland eram, “consolo e renovação para o leitor”. Ainda assim Freud tinha uma palavra positiva para a “bela ilusão” de Rolland:

Mas se tal esperança não pode, pelo menos, se concretizar em parte, se no curso da evolução não aprendermos a desviar os nossos instintos de destruir nossa própria espécie, se continuarmos a odiar um ao outro por causa de diferenças menores e a nos matarmos por ganhos insignificantes, se continuarmos a explorar o grande progresso resultante do controle dos recursos naturais para nossa destruição mútua, que futuro estamos preparando para nós? Certamente, é bem difícil garantir a perpetuação da nossa espécie no conflito entre a nossa natureza instintiva e as demandas que nos são impostas pela civilização.¹⁹

Freud expressou mais uma vez seu pessimismo e esperança em “Why War?” [Por que a guerra?] (1932), uma troca de cartas com Albert Einstein (1879–1955) para publicação. Em “Right and Might” [Direito e poder], ao responder a Einstein, Freud mostrou “que o direito é o poder da comunidade. Ainda é violento, pronto para ser assestado contra qualquer indivíduo que lhe resista; funciona com os mesmos métodos e segue os mesmos propósitos”. Então, não há nenhuma diferença entre eles? Uma diferença, segundo alegava Freud: “O que prevalece não é mais a violência do indivíduo, mas a da comunidade”. Essa transição é psicologicamente efetuada quando “a união da maioria” é “estável e durável”, garantindo assim a identificação de poder, direito e lei. Essa comunidade da maioria deve ser permanente, bem organizada, capaz de antecipar e suprimir a rebelião e de executar “atos legais de violência”. É a violência no seio da comunidade que produz a paz. Ademais, as guerras entre as nações são “um meio para lá de inapropriado para se estabelecer o tão desejado reino de paz ‘eterna’, uma vez que esse meio tem a condição de criar internamente as grandes unidades com

¹⁷ *Ibid.*, 74ss.

¹⁸ *Ibid.*, 105.

¹⁹ “Why War?” (1932) em *Collected Papers V*, 273-287. Ver também Gregory Zilboorg, *Sigmund Freud* (Nova Iorque: Scribner’s, 1951), 91ss.

as quais um governo central e poderoso torna impossível a ocorrência de mais guerras”. O ponto fraco desse método é a falta de coesão entre as partes que o constituem. A resposta é uma espécie de ordem mundial mais forte do que a Liga das Nações [antecessora da ONU]. “As guerras só poderão ser impedidas com certeza se a humanidade se unir para estabelecer uma autoridade central à qual se conceda o poder de julgar todos os conflitos. Isso envolve claramente duas exigências separadas: a criação de uma autoridade suprema e conceder-lhe o poder necessário”. O nacionalismo é hostil a esse tipo de organização, ao passo que muitos defendem o comunismo por ser dessa mesma índole. Seja como for, a força não pode ser substituída pela “força das ideias”, pois a “lei era originalmente a violência bruta e, mesmo hoje, nada disso se conseguirá sem o amparo da violência”. Para Freud não havia lei nem direito maiores aos quais o poder devesse se submeter. Só há instintos humanos, que são de dois tipos; de um lado está *Eros*, o instinto sexual no seu sentido mais amplo, e do outro, o “instinto agressivo ou destrutivo”. Aqui temos uma polaridade, *não moral, entretanto*. “Não devemos ser tão precipitados introduzindo julgamentos éticos de bem e mal. Nenhum desses instintos é menos essencial do que o outro; o fenômeno da vida decorre da operação de ambos conjuntamente, agindo eles quer em conexão quer em oposição”. Assim, Freud reduz a preferência dele por uma ordem socialista mundial por uma questão puramente não moral de gosto pessoal. O instinto de morte e o instinto de vida são igualmente válidos, se é que se pode usar valor como critério. “É inútil a tentativa de se livrar das inclinações agressivas dos homens”. Os comunistas carregam a culpa da ilusão, se essa for a esperança deles.

Mas de que maneira se podem concretizar as esperanças internacionalistas do próprio Freud? “As nossas teorias mitológicas sobre os instintos facilitam-nos encontrar uma fórmula para métodos *in-diretos* de combate à guerra”. *Eros* deve ser estimulado a se levantar mais fortemente contra *Thanatos*. Dois tipos de laços humanos podem ser incentivados: primeiro, o amor ao próximo; e, segundo, a “identificação”, por meio de uma comunidade de interesse. Isso corrigiria o desequilíbrio. É indispensável remover a intromissão do estado e da igreja na “liberdade de pensamento”. “A condição ideal seria, é claro, uma comunidade de pessoas que subordinassem a sua vida natural à ditadura da razão”. E, para Freud, essa “ditadura da razão” significava o poder total, semelhante ao dos reis-filósofos de Platão, governantes iluminados detentores de poder absoluto. “Nada mais poderia unir os homens tão completamente e com tanta tenacidade, mesmo que não houvesse laços emocionais entre eles. Mas, com toda a probabilidade, essa é uma expectativa utópica”. Essa última expressão é típica de Freud; a esperança dele é real, mas a sua negação dessa esperança é igualmente real. Ele estava pronto para defender a guerra, mas se autodenomina de pacifista “por razões orgânicas” e espera que “o resto da humanidade se torne pacifista também”. Assim ele esperava, mas, mesmo nutrindo essa esperança, chamava o seu pacifismo de “uma idiossincrasia”.²⁰ A ordem mundial pela qual anelava seria construída sobre a violência, e a razão humana em si não seria mais do que um aspecto biológico do homem, uma rala camada de verniz sobre uma vastíssima inconsciência. Freud escrevera extensivamente sobre a natureza dos sonhos como uma indicação infalível das forças inconscientes no homem. Não poderia o sonho da razão, inclusive o do próprio Freud, ser também descartado nos termos de uma mera expressão do inconsciente do homem, e não como um ponto de partida válido para a ação? Freud não seria capaz de dizer?

²⁰ “Why War?” (1932) em *Collected Papers V*, 273-287. ver também Gregory Zilboorg, *Sigmund Freud* (Nova Iorque: Scribner’s, 1951), 91ss.

Para ele, o instinto da morte era igualmente válido, igualmente real ao da vontade de viver. “Não é o caso de uma teoria otimista oposta a uma teoria de vida pessimista”.²¹ Os dois instintos estão em atividade “desde a origem primitiva da vida”, porque a “vida consiste das manifestações do conflito ou da interação entre as duas classes de instintos”.²² Conforme admitia Freud, “dirigimos involuntariamente o nosso curso para dentro do ancoradouro da filosofia de Schopenhauer. Para ele, a morte é o ‘resultado verdadeiro e, nessa medida, o propósito da vida’, ao passo que o instinto sexual é a encarnação da vontade de viver”.²³ Mas o *id*, com o seu princípio de prazer, não ofereceria uma via de escape? Não seria lógico assumir que o princípio do prazer está apenas do lado de Eros? Freud fecha essa última porta: “O princípio do prazer parece de fato servir aos instintos mortais”.²⁴ Na verdade, há motivos para se assumir que para Freud o próprio Eros está a serviço da morte, ou é parte dela. Certo freudiano tem comentado sobre a “confusão” de Freud “que o levou a formular o princípio do nirvana primeiro como Eros, depois como Morte”.²⁵

Portanto, a natureza do homem não está apenas sob o fardo do senso de culpa (sem qualquer significado ou responsabilidade subjacente a ele), mas está também condenada a buscar a expiação dessa culpa pela atividade masoquista, para infligir castigo a si mesmo como forma de expiação, ou pelo sadismo, para lançar a sua culpa sobre um inocente. Os estudos preliminares de Freud nessa área foram levados às suas implicações mais abrangentes por Theodor Reik, *Masochism in Modern Man* [Masoquismo no homem moderno], e por Edmund Bergler numa série de trabalhos, *The Basic Neurosis, Homosexuality: Disease or Way of Life?* [Homossexualismo, a neurose fundamental: doença ou modo de vida?], e outros. Freud procurou extinguir a culpa por meio da ciência, mas apenas a amarrou mais fortemente ao homem. Ela permanece como o Carma. O conceito religioso de culpa ao qual ele declarou guerra tinha expiação mediante Cristo. O seu conceito só fez condenar o homem à autopunição infundável e fez, por implicação, a vontade humana viver como escrava da vontade da morte. “O sentimento de culpa” levava ao sadismo e ao masoquismo.²⁶ O próprio Freud não percebeu as implicações do masoquismo com tanta clareza quanto Reik e Bergler, mas foi longe o bastante para ver a condição desesperada do homem. *E tendo negado o pecado, negou também a salvação, pois, reduzindo a culpa à biologia, ele não tinha como capacitar o homem a transcender a sua biologia e, portanto, transcender ou escapar do seu sentimento de culpa biológico.* Seus mitos biológico e antropológico passaram a ser as novas dimensões do inferno do homem.

O cartunista Marcel Vertes captou o significado da obra de Freud numa caricatura da sua série de sátiras sobre a psicanálise, *Tá tudo na cabeça*: “Você quer dizer que se Van Gogh tivesse feito análise ele não teria decepado a orelha?”. “Claro que teria, mas saberia por quê”.

Ademais, o homem era *culpado* de qualquer coisa que fizesse, de sorte que a culpa foi intensificada por Freud. Assim, “Quando seu provável novo empregador

²¹ “Analysis Terminable and Interminable” (1937), em *Collected Papers V*, 346.

²² “The Libido Theory” (1922) em *Collected Papers V*, 135.

²³ Freud, “Beyond the Pleasure Principle,” James Strachey, trad. (Nova Iorque: Bantam Books, 1959), 88.

²⁴ *Ibid.*, 109.

²⁵ Norman O. Brown, *Life Against Death, The Psychoanalytic Meaning of History* (Nova Iorque: Random House, 1959), 92. 19. *Letters of Sigmund Freud*, 341ss.

²⁶ Freud, “‘A Child is Being Beaten’ A Contribution to the Study of the Origin of Sexual Perversions” (1919), em *Collected Papers II*, 189. Ver também no mesmo volume, 257, “The Economic Problem in Masochism” (1924).

perguntou à candidata por que havia largado o emprego anterior com um psicanalista, ela lhe respondeu: ‘Eu não podia ganhar nunca. Se chegava atrasada; era hostil. Se, cedo; tinha complexo de ansiedade. Se, na hora; era compulsiva’”.²⁷ Para não sermos tentados a descartar isso como um exagero humorístico, consideremos o comentário de Bergler:

A melhor síntese que eu conheço da minha opinião sobre o assunto foi dada por certo paciente, um humorista famoso, que, durante a análise, me disse: “De acordo com você, há dois itens ‘imperdíveis’ no menu psíquico: o ‘guisado masoquista’, para ser cozido nele e mordiscado por causa disso, e o ‘coquetel pseudoagressivo’, para neutralizar os efeitos do guisado. A realidade distorcida serve o primeiro, a esperteza sugere o segundo”. Uma explicação engenhosa, para não dizer maliciosa, mas ao menos bem próxima dos fatos, assim como os vejo.²⁸

Entretanto, por mais que a última frase de Bergler denuncie desagrado com essa avaliação, a sua primeira frase a chama “a melhor síntese”. E bem acertadamente, pois o pessimismo de Freud fecha a porta para o homem e lhe deixa somente “imperdíveis” doentios. Freud analisa; não cura. Procura dar entendimento; não, salvação. Encimando o portal do freudismo estrito, pode-se gravar as palavras: “Abandonai toda a esperança, todos vós que aqui adentraís”. Não há quem não tenha sentimentos de culpa, os quais, por serem biológicos, não podem ser expiados. Para Freud, não é possível haver civilização sem opressão, entretanto, quanto mais a civilização cresce, tanto mais as forças reprimidas batem-se contra ela. Em vista disso, o crescimento da civilização é, portanto, a garantia da sua destruição.

Freud forneceu a ferramenta para a existência do estado absoluto e do seu controle do homem. Assim, a elite iluminada, embora livre da culpa, “sabe” que a culpa é ilusória e sem significado, exceto como fato biológico, todavia as “massas perigosas” podem ser, mais do que nunca, encerradas na culpa, ao mesmo tempo que a elite procura guiar a evolução do homem.

²⁷ A. W. Stinson, em *Coronet*, 34, Outubro de 1961, vol. 50, nº 6.

²⁸ Edmund Bergler, *Laughter and the Sense of Humor* (Nova Iorque: Intercontinental Medical Book Corporation, 1956), 66. A “essência” do tratamento psicanalítico é “sentir-se mais à vontade com o seu *eu real*”, não a cura; John Knight, *The Story of My Psychoanalysis* (Nova Iorque: Pocket Books, 1952), 25, cf. 204.

O REVISIONISMO FREUDIANO

Uma vez que Freud não ofereceu esperança quase nenhuma, o revisionismo do seu pensamento decorreu naturalmente. Seus seguidores, como psicanalistas práticos e não estritamente teóricos (pois para Freud o seu trabalho psiquiátrico sempre foi principalmente a pesquisa), queriam transmitir esperança à sociedade e ser membros úteis dela. Além disso, como fortes partidários das causas socialistas como um todo, não estavam dispostos a ver esse movimento como algo fútil. Ademais, a influência e o impacto de Freud eram percebidos muito além das fronteiras da psicanálise. Ele havia suscitado questões que afetavam toda a psiquiatria, fato que impôs também a revisão aos não freudianos. Esse revisionismo assumiu duas formas: *primeira* forma, entre os que permaneceram como psicanalistas e entre aqueles que insistiam na psiquiatria tradicional – isto é, tratamento da psique ou mente do homem – havia a *repressão* das forças da culpa e da morte. Assim, embora condenasse os revisionistas por deixarem de lado ou por revisarem certos aspectos de Freud, Marcuse insistia que em Freud havia razões para ter a esperança de que os instintos seriam fortalecidos e a culpa e a morte, refreados.¹ Entretanto, por mais que qualquer adepto dessa escola jurasse lealdade a Freud, quando transmitiam alguma esperança, era ao custo da supressão de algum aspecto da teoria de Freud. *Segunda* forma, um grupo crescente de cientistas era favorável a que se passasse por cima dos conflitos internos do ser humano por meio do controle elétrico e químico da pessoa. *Isso significa controle externo total conduzido por especialistas com o propósito de obstar o controle interno das forças biológicas ancestrais.* As implicações são totalitárias: um governo de reis-filósofos científicos. E tanto essa resposta como a anterior tinham suas raízes em Freud, como havíamos destacado. Podemos falar também de um *terceiro* grupo cujos membros confiam em “regimes sociais”, sendo eles mesmos plenamente capazes de tornar realidade o propósito almejado pelos homens. Um deles é Ernest Becker, Professor Adjunto de Antropologia, Departamento de Psiquiatria, Faculdade de Medicina, *State University of New York* em Siracuse (EUA). Segundo Becker, “forte corrente na tradição ocidental, e mais recentemente o freudismo, tem-nos induzido a buscar erros em nós mesmos e não nas ‘estrelas’ (ou seja, nos regimes sociais que nos guiam)”.² A referência de Becker a “estrelas” é apropriada; sociologia e antropologia desse tipo são comparáveis à astrologia e fazem parte da mesma ideologia.

Em primeiro lugar, quanto aos revisionistas freudianos, o problema deles, conforme referimos, foi causado pelo fracasso de Freud em prover uma saída e, em sendo uma profissão da área de saúde, isso pôs psiquiatras e psicanalistas em posição quase insustentável. Isso ocorreu na sua maior parte nos Estados Unidos, onde Freud tem exercido a maior influência. Significativamente, em nenhuma outra área a sua influência foi maior do que no meio do clero modernista.³ Os revisionistas têm chamado a atenção para cada erro científico ou falsa conclusão de Freud, mas as suas respostas têm-se mostrado mais fracas do que as de Freud, uma vez que tentam evitar a questão central, que Freud às vezes obscurecia, mas jamais evitava totalmente, ou seja, o *homem*

¹ Herbert Marcuse, *Eros and Civilization, A Philosophical Inquiry into Freud* (Boston: Beacon Press, 1955).

² Ernest Becker, “The Significance of Freudian Psychology,” em *Main Currents in Modern Thought*, vol. 19, n° 3, January-February, 1963, 66.

³ Ver O. H. Mowrer, *The Crisis in Psychiatry and Religion*.

nada poder fazer acerca da culpa do homem. Não surpreende, porém, que num sistema extremamente teórico, aberto a ataques de todos os lados, o primeiro deles foi lançado contra a doutrina do inconsciente racial e da horda primeva. Conforme comentou Wells, essa foi a primeira trincheira a ser “sacrificada”, “toda uma metade do pensamento freudiano” e “a primeira linha de defesa”. Impulsos inatos, memórias, inconsciente, tabus e sonhos foram preservados, mas “a fonte deles foi renegada”.⁴ Entretanto esse “sacrifício” eliminou o determinismo que havia em Freud! Freud tinha-se apegado a um rígido determinismo da vida mental.⁵ Com a eliminação da fonte do determinismo, os revisionistas – como Karen Horney (1885-1952): *The Neurotic Personality of our Time* [A personalidade neurótica de nosso tempo] (1937), *New Ways in Psychoanalysis* [Novos caminhos na psicanálise] (1939), *Self-Analysis* [Autoanálise] (1942), *Our Inner Conflicts* [Nossos conflitos íntimos] (1945) e *Neurosis and Human Growth* [Neurose e crescimento humano] (1950) – puderam atribuir os sintomas à cultura do ambiente. Assim, duas coisas se consumaram: uma, o fundamento biológico determinista foi abalado, se não destruído; outra, por ser culturalmente restrita ou localizada, a fonte era grandemente remediável. Dessa perspectiva, a posição de Freud era uma “filosofia genética mecanicista”.⁶ A biologia da psicanálise era agora maleável. Esse revisionismo culminou, como mostra Wells, na “psico-filosofia do amor” de Eric Fromm, na neo-ortodoxia, no existencialismo e no zen budismo. O amor tornou-se “a panaceia para os males do homem contemporâneo”. A separação e a alienação humanas passaram a ser o pecado original e o capitalismo era visto como uma forma desumanizadora e alienante; hostil ao amor. “É somente no amor que o homem pode encontrar a solução verdadeira”.⁷ O sincretismo religioso é fundamental para essa posição, que demanda uma nova religião ou a reunião do melhor das religiões antigas devotadas ao amor. A vida do homem com o seu semelhante tem de ser pessoal, um relacionamento “EU-TU”, não um relacionamento que trata as pessoas como coisa. Qualquer relação sexual pode ser santa se for realmente amorosa e pessoal. Com base nisso, o Rev. William Glenesk, da *Spencer Memorial Church*, Brooklin, Nova Iorque (EUA), achou que poderia chamar *Fanny Hill** de um livro moral, porque a heroína “não procurava diversão, procurava amor”.⁸ Essa mesma postura, em outros casos mais populares, está presente na fé no poder do amor e no poder do pensamento positivo. A obra que principalmente apresenta tal postura é *Life Against Death* [A Vida contra a morte], de Norman O. Brown, na qual se cruzam o revisionismo freudiano e a neo-ortodoxia. A doutrina da ressurreição do corpo é considerada como símbolo daquilo que significa: a ressurreição do homem do sentimento de culpa, uma espécie de morte, para a plenitude de eros. O problema da humanidade é a “abolição da repressão”. “O corpo perfeito prometido pela teologia cristã” não é uma questão de vida futura, mas de “corpo reconciliado com a morte”. Nas palavras de Henry Miller, a “era da cultura passou”, era nascida da repressão. Finalmente, diz Brown, entraremos na nova era da ressurreição, “um projeto social voltado para toda a humanidade”. A ordem mundial prevalecerá e, de acordo com

⁴ H. K. Wells, *Failure of Psychoanalysis*, 34.

⁵ Freud, “Psychopathology of Everyday Life,” Chapter XII, “Determinism – Chance – and Superstitious Beliefs,” em Brill: *Basic Writings of Freud*, 150-178.

⁶ Wells: *Failure of Psychoanalysis*, 105.

⁷ *Ibid.*, 171, 180.

* “Fanny Hill, memórias de uma mulher de prazer”, romance de John Cleland escrito em 1749 quando o autor estava preso em Londres por causa de dívidas; é considerado o primeiro romance “erótico” e sinônimo da luta contra a censura ao erotismo. [N. do T.]

⁸ “A Moral Book”, Oakland (California) *Tribune*, 9/3/1964, p. 3; George Williams, “Pulpit Meditations on ‘Fanny Hill’”, em *Christianity Today*, vol. VIII, nº 13, 27/3/1964, p. 43. O Rev. S. Van Meter, representante do Conselho Protestante da Cidade de Nova Iorque, “defendeu” *Fanny Hill* na corte de justiça dessa cidade.

Miller, “os governos abrirão caminho para o gerenciamento, no sentido lato dessa palavra”. Esse é o evangelho do amor, segundo Brown.⁹ Essa tese contou com o apoio extensivo de John Wren-Lewis, para quem ou há repressão ou ressurreição, mas que apela para uma interpretação mais-do-que-secular da ressurreição.¹⁰ Nessa perspectiva, o que deve governar o homem não é a lei, mas o amor, de modo que as relações sexuais pré-maritais ou extramatrimoniais são consideradas morais ou imorais nos termos do amor, não da lei. Essa mentalidade tem-se convertido cada vez mais no novo evangelho adotado por muitas das principais igrejas e suas agências.¹¹ O evangelho da liberdade erótica tem sido anunciado a partir de muitos cantos.¹² Na verdade, o sexo esteve tão intimamente associado com vida e salvação durante alguns anos que certo pesquisador, já em 1929, ao estudar o adultério de um grupo de mulheres descobriu que o propósito delas ao adulterarem era motivado pelo sentimento da obrigação de exercitarem as ideias da “liberdade conjugal”.¹³ O que poderia ser definido com mais clareza e precisão como a crença de que não se vive de verdade se a sexualidade não for saciada de maneira promíscua. Aquilo que é visto como *vida*, como força revigorante, revitalizadora, é precisamente a justificativa do antigo culto da fertilidade. Não surpreende que pelo menos um adepto religioso tenha dado o passo lógico e chamado o intercurso sexual, no contexto da verdadeira doutrina do culto da fertilidade, de “sinal externo e visível da comunhão, não meramente entre marido e mulher, mas com Deus”.¹⁴ É, portanto, um exercício religioso, mas é também um tipo de prática que transcende a moralidade, exceto quando impessoal. Num aspecto importante, tudo permaneceu freudiano. Freud considerava o sexo como pura função biológica e o retirou do universo da moralidade de modo que nem mesmo o homossexualismo poderia ser acusado de imoral. Em consequência disso, as práticas sexuais passaram da ética para a profilaxia e alguns ministros passaram a pregar psicologia em vez de teologia; clubes de livros ministeriais rederam-se ostensivamente a outros assuntos, empurrando essas obras em seus sócios. Tanto é que em março de 1964 um dos principais clubes de livros eclesiásticos, que tinha já como associado outro clube que se especializava em psicologia pastoral, ofereceu a seus membros a *Encyclopedia of Mental Health* [Enciclopédia de saúde mental], em seis volumes com 2496 páginas. Na Suécia, a moral foi denominada como área de domínio de psiquiatras, não de “médicos ou sacerdotes”.¹⁵ Em São Francisco (EUA), entre 27 e 30 de maio de 1960, a convenção de uma organização homossexual teve, entre outros palestrantes, um clérigo, alguns psicólogos e psiquiatras, um etnólogo-arqueólogo e um promotor público, para falar sobre as liberdades civis. Apesar da ilegalidade do homossexualismo, esses “dignitários” foram à

⁹ Brown, *Life Against Death*, 305-322. Ver Thomas B. Morgan, “How Hieronymus Bosch and Norman O. Brown Would Change the World” em *Esquire*, LIX, 3/3/1963, 100-105, 135.

¹⁰ John Wren-Lewis, “Repression or Resurrection? A Reconsideration of a Challenging Book” em *The Christian Scholar*, XLVI, 3, Outono/1963, 267-271.

¹¹ Ver William Graham Cole, *Called to Responsible Freedom: The Meaning of Sex in the Christian Life*. Publicado pelo United Christian Youth Movement, National Council of the Churches of Christ in the U.S.A., Nova Iorque, 1961. Ver também os comentários de clérigos protestantes em “Moral, The Second Sexual Revolution,” *Time*, vol. 83, nº 4, 24/1/1964, 57.

¹² Ver qualquer edição de *The Campus Voice, The Magazine of Sexual Awareness*, San Jose, California; Shane Alexander, “Singular Girl’s Success”, *Life*, vol. 54, nº 9, 1/3/1963, 60, 65-67; George Williams, “Collector’s Item for Lent” em *Christianity Today* VIII, 10, 14/2/1964, 36ss. (466ss.); Martin Cohen, “Life, Love, Affairs and Marriage, Actress Joan Collins tells why an affair might be good for you”, *Coronet*, vol. 19, nº 4, Outubro/1963, 64-71.

¹³ Lewis Joseph Sherrill, *Family and Church* (Nova Iorque: Abingdon, 1937), 116f. Ver também William Boquist, “Sex – the Modern Pain Pill”, *San Francisco Examiner*, Domingo, 17/11/1963, 1, 14.

¹⁴ Robert H. Bonthuis, *Christian Paths to Self-Acceptance* (Nova Iorque: King’s Crown Press, 1948, 1952), 214. Freud prendia-se à visão que o culto da fertilidade tinha da mulher como “o princípio de vitalidade, causa de criação e morte”, Philip Rieff, *Freud: The Mind of the Moralists* (Nova Iorque: Viking Press, 1959), 180.

¹⁵ “Sweden, Taking Sex Seriously” em *Time*, vol. 83, nº 10, 6/3/1964, 35.

conferência e deram suas palestras.¹⁶ Uma vez que a perversão não é mais questão moral – na pior hipótese uma apreensão médica; na melhor, uma nova liberdade –, há liberdade de expressão cada vez maior da parte dessas pessoas. Dorothy Thompson cuidou extraordinariamente para que a posteridade soubesse da sua homossexualidade por meio do seu diário.¹⁷

Depois de invadir e se apropriar do papel do cristianismo, o psiquiatra propaga a sua própria boa-nova tratando as transgressões do homem como enfermidade, não como pecado.¹⁸ O analista e o psiquiatra entram nessa situação de enfermidade como “salvadores”.¹⁹ Em lugar das ásperas estreitezas da lei moral, temos a “ênfase no amor”.²⁰ Guntrip trata com saúde mental e religião sem levar em consideração a questão do pecado.²¹ Além disso, a ênfase no amor é um tanto escassa, pois o amor é reduzido por Freud à sexualidade.²² Os cânones da vida familiar e da criação de filhos não são mais o Deus trinitário e sua Palavra, mas os princípios da saúde mental.²³ Os ministros foram advertidos para serem humildes e amorosos e para tratarem os homossexuais à maneira de Freud, sem condenação ou juízo de valor moral. A homossexualidade é simplesmente um desvio do impulso do amor.²⁴ A ex-paciente de certo psicanalista, uma garota de programa, refere-se à análise como um meio de renascer, e conclui: “Pois o amor lhe dá vida (...) Ele é a divindade do nosso mundo, o único segredo e a única segurança”.²⁵ Outra ex-paciente escreveu: “Sinto vontade de parafrasear uma antiga citação, assim: ‘Se, pois, o psicanalista vos libertar, verdadeiramente sereis livres’. Na minha mente o papel dele é o de um novo sacerdote, que vestido do manto da ciência adentra a vida moderna, ensinando as doutrinas, agora estranhas, do próprio Jesus”.²⁶ O psiquiatra John N. Rosen assume literalmente o papel de Deus perante seus pacientes esquizofrênicos, declarando: “Eu sou Deus!”.²⁷ Para Gilbert Russell, médico especialista do *St. Marylebone Hospital*, na Inglaterra, o médico ou psiquiatra é aquele que exerce o papel messiânico de levar os pecados sobre si, segundo o “princípio eterno da substituição” e “o analista sofre novamente as feridas causadas com os sofrimentos de seus pacientes”, não por causa da identificação com eles, “mas porque ele também

¹⁶ Michael Leigh, *The Velvet Underground* (Nova Iorque: Macfadden, 1963), 148ss.

¹⁷ Ver Vincent Sheean, *Dorothy and Red* (Boston: Houghton Mifflin, 1963). Atenção para o comentário de Lisa Hobbs: “Dorothy and Red,” resenha, San Francisco, *Examiner*, People, The California Weekly Section, Sunday, 29/12/1963, 14ss.

¹⁸ Ver Richard V. McCann, *Delinquency, Sickness or Sin?* (Nova Iorque: Harper, 1957).

¹⁹ Arvid Runestam, *Psychoanalysis and Christianity*. Oscar Winfield, tradutor. (Rock Island, IL: Augustana Press, 1958), 82.

²⁰ Ver Bernard Ikeler, On Karl Menninger, “Accent on Love” [Ênfase no amor], em *Presbyterian Life*, vol. 12, nº 12, 15/6/1959, 6-9. Quanto a Menningers, ver Walker Winslow, *The Menninger Story* (Garden City, Nova Iorque: Doubleday, 1956). Para as crenças freudianas de Menninger, ver seus escritos selecionados, *A Psychiatrist's World*, (Nova Iorque: Viking Press, 1959), 415-427, 819-825, 844-855. Ver também de Karl Menninger, *Theory of Psychoanalytic Technique*, (Nova Iorque: Basic Books, 1958).

²¹ Henry Guntrip, *Psychotherapy and Religion* (Nova Iorque: Harper, 1957).

²² W. Earl Biddle, *Integration of Religion and Psychiatry* (Nova Iorque: Macmillan, 1955), 151.

²³ Ver Edmund Ziman, *Jealousy in Children, A Guide for Parents* (Nova Iorque: Wyn, 1949); e Flanders Dunbar, *Your Child's Mind and Body, A Practical Guide for Parents* (Nova Iorque: Random House, 1949). Esses dois autores são psiquiatras.

²⁴ “The Church and the Homosexual”, em Simon Doniger (org.), *The Minister's Consultation Clinic, Pastoral Psychology in Action* (Great Neck, NY: Channel Press, 1955), 257ss.

²⁵ Georgiana Hunter, *The Girl on the Couch* (Nova Iorque: Pyramid Books, 1958), 68ss., 144.

²⁶ John Coignard, *The Spectacle of a Man* (Nova Iorque: Jefferson House, 1937), 248.

²⁷ *A Psychotherapy of Schizophrenia: Direct Analysis*, 121. De Albert E. Scheflen, M.D.; prólogo de O. Spurgeon English, M. D.; prefácio de Lawrence S. Kubie, M.D.; apêndice de Arthur Auerbach, M.D. É digno de nota o comentário ameno de Kubie acerca disso: “Deve-se criticar o fato de Rosen assumir quase literalmente o papel da Divindade para se converter num personagem irreal e mágico. ‘Enquanto vocês me tiverem continuarão bem. Se de alguma maneira me abandonarem, ficarão insanos novamente’”, xii.

tem sofrido a mesma dor e é novamente curado com o seu paciente”. O paciente “tem de nascer de novo” pelo perdão de si mesmo mediante o entendimento; ele não procura o perdão de Deus. A sua capacidade de perdoar é a sua justificação e o fundamento da sua “salvação”.²⁸

Essas posições revisionistas representam um afastamento real de Freud, mas lhe são fiéis em vários aspectos. Desses, alguns são de especial interesse para nós nesse contexto. *Primeiro*, elas efetivamente destroem ou procuram destruir o significado religioso da culpa e dissolver a religião, ao transformar a culpa num problema médico ou biológico; e, *segundo*, aprofundam a esperança de Freud numa “ditadura da razão”, como substituta da fé cristã ou de qualquer fé religiosa. Em outros aspectos, a teoria freudiana foi forçada de tal maneira a um ponto de ruptura que logo será difícil remontar à teoria original. Nesses dois aspectos, Freud ainda continua a ser o mestre. Num *terceiro* aspecto, Freud tem sido cada vez mais importante. Na sua perspectiva, “a fronteira entre saúde e doença se dissolve e esta passa a ser meramente um ‘exagero’ daquela”.²⁹ Ainda mais sem rodeios, pode-se afirmar que, num certo sentido, todos são doentes, tanto por causa do *id* racial como por causa das tensões entre *ego* e *superego*. Quem, portanto, tem a capacidade de governar? Essas massas são governadas por forças inconscientes. Para Freud, somente a “ditadura da razão”, de uma elite que conhece a si mesma e, portanto, conhece o homem, oferece ao homem uma mínima esperança que seja. Aqueles que se opõem a essa ditadura são “enfermos” e “perigosos”, pois que pensamento apropriado poderia o homem opor à “ditadura da razão”? Um quarto *aspecto* é também de grande importância. Freud não somente dissolveu a fronteira entre saúde e enfermidade, mas também tornou a perversão extremamente próxima da normalidade. Já vimos seus comentários à mãe do homossexual. Essa opinião é partilhada pelos seus seguidores. Nesse contexto, a imoralidade no sentido de violação da lei suprema perdeu o sentido; mau é somente aquilo que é prejudicial do ponto de vista social ou pessoal. Conforme declarou certo expoente médico: “O que é sexualmente imoral? Aquilo que faz vítimas, que prejudica outro ser humano, não o que viola alguma teoria totalmente dogmática”.³⁰ Nesses termos, qualquer perversão é aceitável desde que não faça vítimas nem cause prejuízo físico. Mas isso não é tudo. Conforme vimos, o mito evolucionário antropológico da horda primeva é o alicerce do pensamento de Freud, significando para ele que os três instintos básicos são o incesto, o parricídio e o canibalismo. Isso quer dizer que, quanto “mais forte e mais livre” a vida do homem se torna, tanto mais radical será seu desejo de perversão e seu desprezo pela lei bíblica. Essa visão tem sido amplamente divulgada. Assim declarou certa publicação periódica:

nenhum homem civilizado, insistia Freud, consegue ser totalmente potente com a mulher a quem ama. “O respeito pela parceira a quem ama causa sempre algum grau de inibição no prazer sexual. Por isso muitos homens só conseguem intenso prazer físico com a mulher de nível social, moral ou estético mais baixo. Com as mulheres, às vezes surgem dificuldades correspondentes por causas semelhantes”, assim escreveu Freud.³¹

Nessa passagem, é preciso ressaltar, Freud falava da força inibidora do *superego*, entretanto, a vitalidade do instinto sexual provinda do *id*, sem o impedimento

²⁸ Gilbert Russell, “Individual Treatment in Psychiatry”, em Philip Mairet (org.), *Christian Essays in Psychiatry* (Nova Iorque: Philosophical Library, 1956), 143-146.

²⁹ Wells, *Failure of Psychoanalysis* 20.

³⁰ Benjamin Karpman, *The Sexual Offender and his Offenses* (Nova Iorque: Julian Press, 1957), 418.

³¹ Ruth Winter, “What Freud Really Said About Sex”, em *Pageant*, vol. 18, n° 6, janeiro/1963, 69.

de *superego* nenhum, seria ainda mais forte, como seria a do tabu neutralizador, com referência ao incesto. Isso concedeu a todo tipo de perversão um imprimátur de força e energia primordiais. O resultado é que o primitivismo popular tem visto a perversão como vital e estimulante e se entregado a fantasias freudianas como um meio de vitalidade. Por isso, um homem assim “libertado”, ao escrever sobre a sua relação sexual com uma prostituta parisiense, entregou-se à fantasia no meio do seu relato: “tive de repente a ideia esquisita de que, se a lei permitisse, a gente devia experimentar comer carne humana; que mastigar um naco da coxa de uma mulher ou do seio de uma virgem, mau passado nos dois lados e guarnecido com salsa, talvez desse uma nova excitação sexual”.³² O freudismo, portanto, leva ao conceito de perversão como uma pílula de potência; no que isso tem-se convertido para muitas pessoas. Para bem mais pessoas, o adultério tem-se convertido numa forma branda de rejuvenescimento. Nos vários casos em que conceitos freudianos têm permeado o pensamento, o antigo conceito de culto de revitalização e rejuvenescimento mediante o retorno ao caos e as saturnais, a subversão da ordem moral, está à beira da superfície.³³ O anormal é o primitivo; e o primitivo é o vital. Se Freud estiver certo, então os mananciais de vitalidade que brotam do *id*, o reservatório básico da energia do homem, são mais bem canalizados quando as repressões são derrotadas e o incesto, o assassinato e o canibalismo prevalecem!

Num *quinto* aspecto, os revisionistas têm intensificado um perigo que já existia em Freud, a remoção da responsabilidade pessoal por meio do determinismo biológico. Ao fazer do *id* menos um produto do inconsciente racial (o mito da horda primeva) e mais um produto da cultura imediata, eles criaram dois vilões: a cultura, ou seja, o capitalismo; e a família. Karen Horney abriu a porta para esse mal. Com Freud, a culpa ao menos era remota: o *superego* podia ser culpado na Igreja, Estado e família, mas o *id* era bem mais antigo. Agora, com os revisionistas, tudo era imediato. Juízes, educadores, assistentes sociais e eclesiásticos passaram a se render à vigarice de imputar a culpa de todos os pecados da criança aos seus pais pobres e à estrutura social. O resultado disso são as demandas por um lar e uma sociedade “amorosas” e permissivas. A consequência é a perda de caráter e aquilo que La Pierre viu como “a subversão do caráter americano”.³⁴

Destacamos anteriormente que, ao mesmo tempo em que os revisionistas procuravam tratar eficazmente do problema do homem mediante a revisão da teoria freudiana, uma *segunda* escola de pensamento tem contornado o conflito interior recorrendo a meios de controle externo da mente, elétricos e químicos. O que tem sido tanto criticado quanto defendido na psiquiatria.³⁵ Os controles químicos receberam atenção pela primeira vez quando, depois da 2ª Guerra Mundial, começaram a aparecer os “tranquilizantes”. A reação do público foi grandemente favorável: a ciência milagrosa tinha descoberto um meio simples de “curar a insanidade” e aliviar as atribulações da vida. A popularidade dos tranquilizantes era extensiva e eram receitados

³² John Philip Lundin, Ph.D., *Women, The Autobiographical Reflections of a Frustrated Male* (Nova Iorque: Julian Press, 1963), 69. Na introdução da obra, R. E. L. Masters regozija-se: “Hoje, a ciência, não a teologia, tem-se tornado cada vez mais o árbitro da moralidade sexual. Médicos e psicólogos, sociólogos e antropólogos, não os clérigos, são as autoridades efetivas acerca do comportamento sexual (...) As descobertas deles quase nunca dão o mínimo apoio à visão de que a continência é um modo de vida desejável”, xiii.

³³ Ver Roger Caillois, *Man and the Sacred* (The Free Press: Glencoe, IL, 1959).

³⁴ Richard La Pierre, *The Freudian Ethic* (Nova Iorque: Duell, Sloan e Pearce, 1959).

³⁵ Ver “Psychiatrist Raps Over-Use of Drugs”, Oakland, California, *Tribune*, Wednesday, 25/3/1964, 2; e Mortimer Ostow, “The New Drugs”, em Charles Rolo (org.), *Psychiatry in American Life* (Boston: Little, Brown, 1963), 114-127. Esses trabalhos apareceram como suplementos no *The Atlantic*, vol. 206, nº 1/7/1961, 61-111, com algumas diferenças

e usados livremente tanto para as mínimas ansiedades como para as maiores dificuldades. Não se deu muita atenção à crença de alguns cientistas segundo os quais “o comportamento humano *pode e deve* ser controlado pelos cientistas”, que, afirmavam alguns deles, “têm diante da humanidade o dever de tomar a cargo os eventos e arranjar as coisas de tal maneira que as pessoas se comportem de maneiras que serão boas para o próprio bem delas”. Esses homens alimentam a esperança de que em breve sejam desenvolvidos psicoquímicos “que modifiquem e mantenham a personalidade humana no nível que se desejar”. Um desses psicoquímicos, muito discutido e quase sempre condenado por alguns cientistas, é o LSD, cujo efeito é muitas vezes semelhante ao da psicanálise, ou seja, *autoaceitação*. Conforme declarou certo médico: “Na terapia à base de LSD atinge-se o ponto em que o paciente se aceita completamente pelo que ele é, com a diminuição maciça de autoconflito e culpa”. Então, *os psicoquímicos* seriam outra resposta para o problema da culpa. O energético no “café da manhã *de alguém* logo destruiria a sua crença, e a de seus companheiros, na sua sanidade”. No abastecimento de água de uma cidade, como Nova Iorque ou Moscou, bastaria “só meio quilo” para causar psicose na “população toda”, possibilitando a sua ocupação pelo inimigo. Os pesquisadores não estão apenas trabalhando para produzir psicoquímicos com vistas ao controle total, mas fazem planos nesses termos.³⁶ Um dos apelos dos psicoquímicos era que o próprio indivíduo ao tomá-lo gozava parcialmente do mesmo poder do cientista: o de brincar de deus com a própria vida, de suprimir a culpa e a ansiedade com apenas uma engolida, e de garantir a “felicidade”. O cientista podia inventar as pílulas, mas dependia dele, do usuário, tomá-la ou não.

Em 1956, essas pessoas se defrontaram com um desenvolvimento científico ainda mais assustador. “Um cientista industrial disse que chegaria o dia quando os humanos seriam equipados desde a infância com dispositivos eletrônicos escravizantes embutidos”. Na Conferência Nacional de Eletrônica, no Instituto de Tecnologia do Illinois (EUA), o processo foi descrito por C. R. Schafer, para quem isso se seguiria a outra Grande Guerra. Um conector seria montado sob o couro cabeludo “poucos meses após o nascimento” com “eletrodos alcançando áreas selecionadas do tecido cerebral” e “um ou dois anos mais tarde, um radioreceptor e uma antena miniaturas (...) seriam plugados no conector” e desse momento em diante a criança seria modificada ou completamente controlada por sinais bio-elétricos enviados de transmissores controlados pelo Estado”.³⁷ Há um grande número de pesquisadores realizando experiências nessa área. Dr. José M. R. Delgado, da *Yale University*, tem aplicado esse controle elétrico em animais e afirmado que “sob a influência da estimulação elétrica do cérebro, gatos e macacos comportaram-se como brinquedos elétricos”. Apenas para “finalidades e técnicas médicas” tem havido, dizem-nos, “algumas centenas de implantes profundos” em pacientes humanos – mas não somos informados do número de implantes superficiais. Os resultados apontam para o sucesso, afirma-se. No futuro, as pessoas com implantes desde a infância seriam, para o superestado, “as máquinas mais baratas de criar e operar”. Os cientistas têm muitas esperanças quanto às potencialidades da ESB (sigla em inglês para “Estimulação Elétrica do Cérebro”). Cita-se um deles falando desses e de outros desenvolvimentos nas ciências do comportamento humano: “Estamos apenas no limiar e, aonde iremos, eu não sei. Mas iremos tão longe, e tão rapidamente, que nossos sonhos mais extravagantes são

³⁶ Ver Robert Coughlan, “Control of the Brain, Part II, the Chemical Mind-Changers, in *Life*, vol. 54, nº 11, 15/3/1963, 81-94.

³⁷ San Francisco *Chronicle*, domingo, 7/10/1956, 4.

provavelmente ultraconservadores”.³⁸ As implicações são bem evidentes. O problema da culpa é evitado. O controle externo total dos peritos evita problemas desnecessários, porque o homem usurpa completamente a jurisdição, a soberania, o controle e o poder predestinador de Deus.

É evidente, portanto, que o *terceiro* grupo, cuja confiança repousa nos arranjos sociais, difere das duas primeiras escolas somente quanto à natureza de controle do homem. O destino do homem não está entre ele mesmo e o seu Deus Criador, mas nas mãos de um novo criador, o planejador social. Portanto, a mente do homem deve ser posta de lado como um reles produto das “estrelas”, do contexto social, sendo ele e a sua sociedade submetidos à reorganização que produzirá as metas sociais desejadas. Conseqüentemente, não há *nenhuma diferença essencial* entre essas três escolas de pensamento. Cada uma está decidida a brincar de Deus e todas enxergam o homem como a sua nova criação em potencial. O homem deve nascer de novo, não do Espírito Santo, mas do novo deus, o planejador humano. Como afirmou certo psicanalista ao seu paciente, o desvelamento terapêutico das experiências da infância tinha como alvo a recriação da criança. “Essa transformação em criança é um dos objetivos da nossa técnica”. O “objetivo final”, de acordo com esse psicanalista, “é *umentar* a sua responsabilidade para com os próprios pensamentos, sentimentos e ações – não eliminá-la”. Não é responsabilidade no sentido bíblico de responsabilidade moral, mas de autoconhecimento para “a eliminação de quaisquer anseios infantis que ele retém do passado”.³⁹ Responsabilidade e consciência, portanto, têm um novo modelo referencial, o qual não é Deus. Michael Fraenkel denominou acertadamente o tema freudiano moderno de “culpa e castigo”.⁴⁰ Mas Reiff definiu o modelo contemporâneo desse empreendimento no título do seu trabalho: “The American Transference: From Calvin to Freud” [A Transferência americana: de Calvino a Freud].⁴¹ O modelo deixou de ser teológico e passou a ser puramente relativista e humanista, tanto que o Dr. J. L. Moreno, em estudo publicado na *Nervous and Mental Disease Monograph Series* [Doença mental e nervosa – coleção monográfica] intitulou seu trabalho com a pergunta *Who Shall Survive?* (1934) [Quem sobreviverá?], à qual ele respondeu que seriam aqueles que se ajustassem ao grupo social capacitando-o a funcionar com a máxima segurança. Para ele, a humanidade é “uma unidade social e orgânica” e a saúde mental é a integração harmoniosa nessa unidade.

E quanto aos que rejeitam a humanidade como padrão e sustentam que a fé bíblica exige separação e divisão? Os profetas da saúde mental dessa religião humanista sabem a resposta: eles são doentes mentais. O inferno de Deus foi banido, mas criou-se um novo inferno para os apóstatas: a doença mental, com suas incontáveis mansões. A doença mental é definida de tal maneira que não só os conservadores políticos e econômicos, mas todos os cristãos ortodoxos são também obviamente doentes. Freud não disse que as pessoas religiosas evitavam as neuroses pessoais pela aceitação da neurose cósmica? O fato de serem mais responsáveis, estáveis e isentos de neuroses é por si só uma prova de que são doentes, ou seja, aceitação da neurose cósmica: Deus! Deve-se soltar totalmente as rédeas dos profetas da saúde mental para que “curem” a

³⁸ Robert Coughlan, “Control of the Brain, Parte I, Behavior by Electronics”, em *Life*, vol. 54, nº 10, 8/3/1963, 90-106.

³⁹ Ludwig Eidelberg, *Take Off Your Mask* (Nova Iorque: Pyramid Books, 1957), 67ss.

⁴⁰ Michael Fraenkel, “Freud and the Modern Writer”, em Jacob Sonntag, *Caravan, A Jewish Quarterly Omnibus* (Nova Iorque: Thomas Yoseloff, 1966), 296.

⁴¹ Em *The Atlantic*, vol. 208, nº 1, julho/1961, 105-107.

humanidade pela “vasta reorganização do mundo”.⁴² Os programas de saúde mental têm resultado numa sólida e escandalosa usurpação das liberdades civis. O poder do psiquiatra é a base de uma nova e mais aterradora inquisição.⁴³ A afinidade entre o psiquiatra e os tribunais tem sido vista cada vez mais como “uma ameaça à sociedade”.⁴⁴ Criticar o movimento de saúde mental é atrair fogo contra si mesmo, como perturbado mental e também, um “mal” adicional, como defensor do conservadorismo político e econômico.⁴⁵ Não é de surpreender. Freud proporcionou duas defesas “invencíveis”. Primeira, as questões referentes à natureza humana são biológicas e não religiosas, portanto, são problemas *especializados, médicos*, não leigos. Um programa do tipo “faça você mesmo” pode ser válido na religião, não na medicina. Consequentemente, nega-se aos leigos o direito de criticar os mistérios do programa de saúde mental. Segunda, qualquer resistência à aceitação dessas teorias era para Freud um sinal infalível de verdade, pois o indivíduo estaria combatendo a exposição do seu inconsciente com os ímpetos e as doenças, sombrios e ocultos, desse mesmo inconsciente. Agindo assim, os críticos de Freud só provavam mesmo que eram culpados! Essas duas técnicas de defesa têm sido largamente adotadas. Seria realmente possível escrever um estudo à parte sobre a ampla variedade de evasões mentais e técnicas de avaliação que Freud legou ao homem moderno. Num sentido bem real e completo, ele tem sido um dos principais modeladores da mente moderna.

Mas, como já se disse antes, Freud, ao expressar o pensamento iluminista, era também o ápice dessa mentalidade, o final de uma era pensante. A era moderna teve seus primeiros impulsos com a Renascença e passou a existir com o Iluminismo. O seu conceito-chave era a centralidade do homem autônomo, de maneira que o homem assumiu as prerrogativas de Deus. Consequentemente, a autobiografia passou a ter um papel novo e auspicioso. Começando em Descartes e culminando com Kant e o Existencialismo, o pensamento humano era determinativo para a realidade e para a lei, se é que a lei existia. O interior explicava o exterior. Freud aplicou isso ao homem, de sorte que o totemismo e o tabu devem ser entendidos em termos de psicologia, de autobiografia, e grande parte da antropologia foi reduzida a isso. Freud às vezes

⁴² Hervey M. Cleckley, “Psychiatry: Science, Art and Scientist”, em Helmut Schoeck e James W. Wiggins (orgs.), *Psychiatry and Responsibility*, (Princeton, NJ: Van Nostrand, 1962), 89. Todos os trabalhos apresentados nesse simpósio são críticas competentes a algumas tendências contemporâneas da saúde mental. Ver também T. Robert Ingram (org.), *Essays on the Death Penalty* (Houston, TX: St. Thomas Press, 1963), para as aplicações numa área particularmente desafiadora das respostas psiquiátricas.

⁴³ No caso de Billy Sol Estes, a secretária Mary Jones foi apreendida e mantida algum tempo numa instituição de saúde mental ao se descobrir que ela sabia dos negócios de Estes e tinha o registro dessas informações. “Government Employee Railroaded to Mental Institution”, o senador John Walker também foi apreendido e há a acusação não desmentida de que ele estava escalado para sofrer uma lobotomia, mas a sua libertação foi assegurada a tempo. Elmore Douglass Greaves, *The Blackamoor of Oxford* (Jackson, MS., 1963), 49.

⁴⁴ Dr. Jerome Hall, “The Psychiatrist and Crime: A threat to Society?” em *The National Observer*, segunda-feira, 20/8/1962, 8; Thomas S. Szasz, *Law, Liberty and Psychiatry*; Lewis Albert Alesen, *Mental Robots*, (Caldwell, ID: Caxton, 1957); American Public Relations Forum *Bulletin* n° 96; Robert Morris e T. S. Szasz, dois artigos reimpressos como *Mind Tapping*, Belmont, MA; American Public Relations Forum, *Brain Washing, A Synthesis of the Russian Text Book on Psychopolitics*, Burbank, CA; C. O. Garshwiler e E. Merrill Root, *Secret Files for Secret Purposes* (Education Information, Inc., 1961).

⁴⁵ Ver, por exemplo, Alfred Auerback, “The Fight Against Mental Health” em *Fact*, vol. I, 1ª ed., janeiro-fevereiro/1964, 47-51. Para alguns psiquiatras, a doença mental está substituindo o pecado como a condição universal do homem. Conforme declarou o Dr. Daniel Lieberman, de São Francisco na Califórnia (EUA), na Igreja Unitariana de Palo Alto: “Todos a temos, num momento ou noutro”. (Palo Alto, CA, *Times*, 1, sábado, 11/4/1964). Por conseguinte, todos precisamos do novo sacerdote: o psiquiatra. No filme, *Captain Newman, M.D.*, o tema vem à tona: “De algum modo, mínimo e secreto que seja, cada um de nós é um pouco louco”. (Resenha do filme “Captain Newman, M.D.”, em *Look*, vol. 28 n° 7, 7/4/1964, 94). A condição do homem não é o pecado, mas a loucura, e a sua necessidade deixa de ser a responsabilidade moral e passa a ser o condicionamento social apropriado.

rebelava-se contra a “superavaliação geral de todos os processos psíquicos”,⁴⁶ vindo-a como uma técnica animista, como a crença na “Onipotência do Pensamento”, mas no todo, ele era uma parte dessa tradição. Essa exaltação do homem autônomo logo começou a dissolução de todos os padrões estranhos à vontade do homem, de sorte que todas as coisas são relativas para o homem, cuja vontade é a única lei. Assim foi que Casanova (1725-1798) pôde se jactar da sua liberdade e esclarecimento como maçom e relatar orgulhosamente o incesto que cometeu com a irmã ilegítima, descrevendo as objeções a isso como “preconceito”. Em Freud, essas tendências encontraram um porta-voz. Trilling descreveu a posição de Freud como “positivismo racionalista” com nuances de Romantismo: “o que nega validade ao mito ou à religião”.⁴⁷ Alguns negaram validade a qualquer área, menos à vontade do homem; Freud preservou-a pela ciência e pela “ditadura da razão”, no sentido científico. Certo antropólogo social vê a obra de Freud como “a aplicação em seres humanos individuais de um método cujo cânon foi estabelecido pela Geologia”.⁴⁸ O cânon da geologia referido aqui, representa o triunfo da hipótese evolucionária sobre a observação científica. Não é de surpreender que esse antropólogo encontrou conseqüentemente as crenças iluministas “confirmadas” na pesquisa: “Vinha procurando por uma sociedade reduzida à sua expressão mais simples. A sociedade dos nambiquaras tinha sido reduzida ao ponto em que nada mais encontrei senão seres humanos”.⁴⁹ Assim, a ciência em si deixa-nos somente o homem autônomo! Num mundo sem valor, a ciência em si adora o valor; num mundo sem lei, a ciência em si não pode ter lei. O resultado é o isolamento existencialista do indivíduo, que agora não conhece outra lei senão ele mesmo e sua autogratificação e, nesse caso, encontra em si mesmo um cárcere de frustrações. Num livro largamente lido por intelectuais e posto em circulação por um clube literário vinculado ao relativismo, Lundin declarou: “Deixarei os prazeres do casamento para os cavalheiros que gostam de ser mandados por uma fêmea decadente, só porque, num certo momento, muitos anos atrás, eles achavam que não poderiam passar sem uma rodada diária de sexo com o corpo dela. No que me diz respeito, posso dispensar o corpo de qualquer uma; há tantos corpos ao redor! Não serei como um daqueles que compra uma vaca só porque gosta de beber leite!”. E conclui: “Sou o centro do meu próprio universo moral”.⁵⁰ O “declínio do indivíduo” é um tópico de discussão comum, pois não admira que o homem tenha declinado. Tendo feito de si mesmo a lei suprema, o homem reduziu todo o ser à medida limitada da sua vontade caída, a qual, conforme Paulo destaca em Romanos 1.27, *arde* em perversão para a destruição do homem e sua cultura. O indivíduo encolhe quando ele mesmo é supremo, mas, se medido segundo o chamado de Deus e os requisitos da imagem de Deus no homem, ele ganha verdadeira estatura em Cristo.

Mas o relativismo é um elemento natural da cultura moderna, a cultura do Iluminismo. E o marxismo por si só não passa de outra forma de relativismo liberal. Engels declarou: “A nossa filosofia dialética extingue todas as noções de verdade absoluta e definitiva e quaisquer condições humanas absolutas que correspondam a ela. Para a dialética nada é definitivo, absoluto ou sagrado; ela revela a relatividade de todas as coisas e nada existe para ela senão o ininterrupto processo de desenvolvimento e

⁴⁶ “Totem and Taboo”, em Brill, *Basic Writings of Freud*, 872ss.

⁴⁷ Lionel Trilling, *The Liberal Imagination* (Garden City, NY: Doubleday, 1953), 51.

⁴⁸ Claude Levi-Strauss, *A World on the Wane*, John Russell, trad. (Nova Iorque: Criterion, 1961 (1955, edição francesa original), 60.

⁴⁹ *Ibid.*, 310.

⁵⁰ Lundin, *Women*, 145ss. 321. O subtítulo dado pelo Dr. Lundin transmite mais do que o sentido pretendido: “Reflexões autobiográficas de um macho frustrado”.

mudança”. Stalin deixou claro que no “marxismo não há espaço para conclusões e formulações imutáveis, válidas para todas as épocas e períodos. O marxismo é hostil a todo dogmatismo”. Todas as forças da teoria moderna apontam identicamente para o relativismo, de tal maneira que, conforme mostrou Jean Ousset, há “duas consequências da mente ‘moderna’”, o anarquismo, ou, para se evitar o caos total, a estatização absoluta (marxismo) em nome da eficácia social.⁵¹ Freud, mediante a sua importante colaboração para a destruição da fé religiosa e da ordem, tem sido um dos principais arquitetos dessa moderna mundividência.

Acaso perdeu-se toda a obra de Freud? Entralgo achou ganhos extraordinários em Freud, notadamente “que a história das doenças de alguém é, e devia ser, basicamente a história da vida de alguém”. Num certo sentido, Freud revisou realmente a “antiga medicina semítica”, mas, a despeito dele, isso restaurou a vida moral do homem à província da medicina num sentido cristão, de maneira que um conceito de doença cristão pode ser novamente desenvolvido em resposta ao problema do homem e da sua culpa. Na ciência mais antiga, o paciente tinha deixado de ser uma pessoa. Mas “graças ao trabalho de Freud, a Patologia ocidental começou a ser antropológica. Tanto clínica quanto patologicamente, o paciente começou a ser considerado como uma pessoa”. Freud tentou reduzir a antropologia à biologia, mas não o conseguiu.⁵²

Freud, a despeito dele mesmo, também cooperou para a autoconsciência epistemológica. As questões da história são traçadas com maior nitidez, esclarecidas mais extensivamente, por causa do vigor incansável com que ele levou a fundo as suas conclusões. A esperança esclarecida que ele partilhou, ele mesmo a pôs a nu como desprovida de sentido e inútil. À sua própria maneira, ele preparou o caminho para aquilo que Charles Hodge denominou de “a última questão” da história, o conflito “entre o ateísmo e suas formas incontáveis contra o calvinismo. Os outros sistemas serão esmagados como o gelo meio-podre entre dois grandes icebergs”.⁵³ Freud, assim como Nietschze, forçou o homem para a beira do abismo. O homem moderno foi avisado, e esse aviso veio de dentro das suas próprias fileiras. Ele, portanto, não tem desculpas em nenhum sentido.

⁵¹ Jean Ousset, *Marxism Leninism*, G. A. Lawman, trad. (Quebec: International Union, 1962), 1-51.

⁵² Pedro L. Entralgo, *Mind and Body, Psychosomatic Pathology: A Short History of the Evolution of Medical Thought*, A. M. Espinosa, trad. (Nova Iorque: P. J. Kenedy and Sons, s.d.), 131-136.

⁵³ Charles Hodge, *Princeton Sermons* (Londres: Banner of Truth Trust, 1958), XV.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

A lista que segue é das obras de Freud que são de maior interesse ao leitor e estudante em geral, e também de maior acessibilidade de leitura. Outras são mencionadas no texto e notas de rodapé, e Jones aborda a maioria das obras de Freud em seu livro *Life*.

Por Freud

The Basic Writings of Sigmund Freud, traduzido e editado com uma introdução por A.A. Brill. New York: Modern Library, 1938. Estão inclusas as seis principais obras de Freud.

Totem and Taboo, que é a mais importante e melhor introdução a Freud.

Civilization and its Discontents, traduzido por Joan Riviere. Garden City, New York: Doubleday Anchor Books, n.d.

Collected Papers, em 5 volumes, tradução autorizada sob a supervisão de Joan Riviere. New York: Basic Books, 1959. Esses ensaios, por lidarem com assuntos específicos e limitados, frequentemente são os melhores índices ao pensamento de Freud.

The Future of an Illusion, traduzido por W.D. Robson-Scott. Garden City, New York: Doubleday Anchor Books, n.d.

A General Introduction to Psychoanalysis, tradução autorizada da edição revisada por Joan Riviere, prefácios de Ernest Jones, G. Stanley Hall. New York: Garden City Publishing Company, 1938.

Letters of Sigmund Freud, selecionadas e editadas por Ernst L. Freud, traduzidas por Tania and James Stern. New York: Basic Books, 1960.

Moses and Monotheism, traduzido por Katherine Jones. New York: Vintage Books, 1955.

Freud, Dictionary of Psychoanalysis, editado por Nandor Fodor e Frank Gaynor, com prefácio de Theodor Reik. Greenwich, CT: Premier, 1963. Uma ferramenta útil, esse é um dicionário de termos freudiano, com definições colhidas das obras de Freud.

Sobre Freud:

Bakan, David, *Sigmund Freud and the Jewish Mystical Tradition*. Princeton, NJ: Van Nostrand, 1958.

Brown, Norman O., *Life Against Death, The Psychoanalytic Meaning of History*. New York: Modern Library Paperback, 1959.

Entralgo, Pedro L., *Mind and Body, Psychosomatic Pathology: A Short History of the Evolution of Medical Thought*, traduzido por Aurelio M. Espinosa, prefaciado por E.B. Strauss. New York: P.J. Kennedy, n.d. Esta obra contém pouco sobre Freud, mas é importante em termos dos problemas básicos que a medicina enfrenta hoje.

Hall, Calvin S., *A Primer of Freudian Psychology*. New York: Mentor, 1955.

Jones, Ernest, *The Life and Works of Sigmund Freud*. New York: Basic Books; Vol. 1, 1953: The Formative years and the Great Discoveries, 1856-1900. Vol. 2, 1955: Years of Maturity, 1901-1919. Vol. 3, 1957: The Last Phase, 1919-1939. Metade desse volume é dedicado a “Revisões Históricas de Certos Tópicos”, i.e., antropologia, sociologia, religião, etc. Existe uma edição em um único volume do livro de Jones, mas o texto completo é bem mais preferível.¹

La Piere, Richard, *The Freudian Ethic*. New York: Duell, Sloan and Pearce, 1959.

Mowrer, O. Hobart, *The Crisis in Psychiatry and Religion*. Princeton, NJ: Van Nostrand, 1961.

¹ Esta obra foi traduzida e publicada no Brasil pela Editora Imago. [N. do E.]